



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM E SEUS EFEITOS EM UMA  
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

**LARISSA JULIANE ARTEN**

**CAMPINAS  
2012**

**LARISSA JULIANE ARTEN**

**PRÁTICAS DE APRENDIZAGEM E SEUS EFEITOS EM UMA  
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para a conclusão da graduação em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Luci Banks Leite.

**CAMPINAS**

**2012**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA  
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

Rosemary Passos – CRB-8<sup>a</sup>/5751

Ar75p

Arten, Larissa Juliane, 1989 -

Práticas de aprendizagem e seus efeitos em uma  
brinquedoteca hospitalar / Larissa Juliane Arten. –  
Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Luci Banks Leite.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) –  
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.

1. Brincar. 2. Brinquedotecas. 3. Pedagogia  
hospitalar. 4. Aprendizagem. 5. Método terapêutico. I.  
Banks-Leite, Luci, 1944- II. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-260-BFE

Dedico este trabalho aos meus pais Iara e Edson, minhas irmãs Flávia e Raquel, ao meu noivo Leonardo, e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, dando todo apoio necessário.

À todas as crianças hospitalizadas e seus familiares que passaram em mim vida, e à todos os profissionais que se dedicam ao trabalho com estas.

## **AGRADECIMENTOS**

“Até aqui nos ajudou o Senhor.” I Samuel 7.12

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, e pela oportunidade de ingressar e concluir o curso de Pedagogia, sem Ele nada seria possível.

Agradeço aos meus pais Iara e Edson, pelo apoio em todos os momentos e em todos os sentidos. Sem vocês eu não teria chegado até aqui. Às minhas irmãs Flávia e Raquel, pelo amor, compreensão e cumplicidade.

Ao meu noivo Leonardo por estar comigo em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis e conturbados, me fazendo crer que tudo daria certo. Por sempre acreditar na minha capacidade, me impulsionando a dar o meu melhor. O admiro muito por sua paciência e companheirismo.

A todos os amigos que sempre me incentivaram durante esta jornada, contribuindo para o meu crescimento pessoal e profissional. À minha grande amiga Lia Lopes Ongaratto, companheira de curso, que sempre me ajudou e impulsionou meu crescimento em diversas áreas de minha vida. À Daiane, Andréa, Thalita, pelos bons momentos que passamos na faculdade, pela ajuda em todas as horas, pelas risadas. Amo todos vocês!

Agradeço à minha querida orientadora Luci Banks Leite, por impulsionar meu crescimento acadêmico. A admiro muito pelo profissionalismo e empenho acadêmico. Também a Ana Maria Falcão de Aragão que aceitou tão prontamente ser minha segunda leitora. À ONG Hospitalhaços, que me recebeu de braços abertos, e me deu total liberdade para conhecer o trabalho desenvolvido por ela.

**Meus profundos agradecimentos a todos vocês!**

Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.

Antoine de Saint-Exupery

## RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar o brincar e/ou qualquer atividade lúdica que ocorra na Brinquedoteca Hospitalar, almejando ir além de um brincar por passatempo, de forma a abranger a aprendizagem, considerando que, através de atividades lúdicas como jogos, faz-de-conta, pintura, leitura, etc, a criança poderá aprender até mesmo conceitos escolares. Procura também assinalar aspectos relacionados ao efeito terapêutico, uma vez que este espaço pode auxiliar a criança na externalização de sentimentos causados pela hospitalização.

Realizaram-se visitas de campo à brinquedoteca de um hospital público da cidade de Campinas: Hospital das Clínicas da Unicamp, administrada pela ONG Hospitalhaços, com o objetivo de observar as vivências neste espaço e obter maiores dados sobre o lúdico no hospital, verificando em que sentido a brinquedoteca traz benefícios às crianças na faixa etária de quatro a oito anos que estão hospitalizadas ou em período de tratamento. Estes aspectos serão analisados tendo com base o ponto de vista da própria criança, seus responsáveis, e profissionais que atuam diretamente com elas, observados nas visitas.

Objetivou-se encontrar resultados que indiquem o efeito benéfico do lúdico nos aspectos já citados, e assim, a importância do espaço destinado ao brincar no contexto hospitalar, através da experiência de um hospital que possua brinquedoteca em suas dependências. Dessa forma, procurou-se enfatizar este espaço como um dos caminhos de humanização no hospital, possibilitando olhar o indivíduo em sua totalidade.

### **Palavras-chave:**

Brincar, brinquedoteca hospitalar, aprendizagem, efeito terapêutico.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO 1 – SOBRE O BRINCAR E O ESPAÇO DESTINADO A ESSA ATIVIDADE .....</b>	<b>12</b>
1.1 O Brincar e sua Importância .....	12
1.2 O que é Brinquedoteca? .....	15
<b>CAPÍTULO 2 – BRINCAR E BRINQUEDOTECA NO HOSPITAL .....</b>	<b>17</b>
2.1 Breve Histórico e Conceituação.....	17
2.2 A Aprendizagem neste contexto .....	20
2.3 O Efeito Terapêutico do Brincar .....	24
<b>CAPÍTULO 3 – BRINQUEDOTECA HOSPITALAR E SEUS EFEITOS: PRÁTICAS OBSERVADAS.....</b>	<b>26</b>
3.1 Metodologia .....	26
3.2 Estrutura e Funcionamento da Brinquedoteca .....	30
3.3 Práticas de Aprendizagem e seus efeitos .....	35
3.4 Efeito Terapêutico Extensivo à Família.....	49
3.5 A Prática do Brinquedista na Brinquedoteca Hospitalar .....	53
<b>CAPÍTULO 4 – A BRINQUEDOTECA SEGUNDO PAIS E VOLUNTÁRIOS.....</b>	<b>58</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>67</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>71</b>

## INTRODUÇÃO

A temática “A importância do lúdico no contexto hospitalar” tornou-se proposta de estudo e análise a partir do trabalho voluntário que tenho desempenhado desde agosto de 2010 na brinquedoteca do Centro Infantil Boldrini, Campinas – SP (hospital filantrópico que atende crianças, adolescentes e jovens adultos com câncer e doenças sanguíneas).

Neste espaço acompanho e participo de atividades recreativas, tais como jogos educativos, faz-de-conta, vídeo-game, pintura e desenho, etc. As crianças que participam dessas atividades estão em período de tratamento ou aguardando a primeira consulta. Com essa experiência pude realmente conhecer o funcionamento de uma brinquedoteca, sua importância neste ambiente hospitalar e como este espaço pode auxiliar na aprendizagem de crianças que se encontram distantes da rotina a que estavam acostumadas, bem como favorecer a externalização de emoções sentidas pelas crianças neste período de suas vidas.

A partir dessa experiência/vivência, busquei me aprofundar em assuntos sobre Pedagogia Hospitalar e Brinquedoteca Hospitalar por meio de referências bibliográficas sobre o assunto, e meu interesse pelo assunto foi crescendo, acarretando na elaboração deste presente trabalho.

Primeiramente, devemos olhar para a criança como tal e seus direitos, garantidos por lei. A *Convenção sobre os Direitos da Criança*, da ONU, que entrou em vigor internacional em 02 de setembro de 1990, reconhece em seu artigo 31 “à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e atividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística.”.

Também no *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA, 1990), este direito é reconhecido em seu Capítulo II, artigo 16, sendo compreendido como um aspecto pertencente ao direito à liberdade:

*“Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:*

*IV - brincar, praticar esportes e divertir-se”*

Como direito reconhecido, este deve ser garantido à criança nos múltiplos contextos em que ela se insere, inclusive no hospital, que é o foco deste trabalho. Em relação a isto, em Outubro de 1995 é aprovada a Resolução nº 41, relativa aos Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados, texto elaborado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) e

pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e Adolescente (CONANDA). Este que visa garantir o direito à saúde e à vida de crianças e adolescentes hospitalizados traz em seu artigo 9: “Direito a desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do curriculum escolar, durante sua permanência hospitalar”.

Em 2005 um passo a mais é dado, com a aprovação da Lei nº 11.104/2005, de 21 de Março de 2005, escrita pela Deputada Luiza Erundina de Souza, transcrita a seguir:

*Dispõe sobre a obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação.*

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

*Art. 1o Os hospitais que ofereçam atendimento pediátrico contarão, obrigatoriamente, com brinquedotecas nas suas dependências.*

Parágrafo único. O disposto no caput deste artigo aplica-se a qualquer unidade de saúde que ofereça atendimento pediátrico em regime de internação.

*Art. 2o Considera-se brinquedoteca, para os efeitos desta Lei, o espaço provido de brinquedos e jogos educativos, destinado a estimular as crianças e seus acompanhantes a brincar.*

*Art. 3o A inobservância do disposto no art. 1o desta Lei configura infração à legislação sanitária federal e sujeita seus infratores às penalidades previstas no inciso II do art. 10 da Lei no 6.437, de 20 de agosto de 1977.*

*Art. 4o Esta Lei entra em vigor 180 (cento e oitenta) dias após a data de sua publicação*

Em busca de uma reflexão sobre a importância deste espaço, partindo do direito que crianças e adolescentes têm de possuí-lo enquanto estiverem internadas e/ou em período de tratamento, é que esse estudo foi elaborado.

Partindo disto, devemos pensar na criança hospitalizada, cuja rotina diária é alterada por conta do tratamento, tendo seu convívio social comprometido. "Algumas doenças/patologias que atingem a população infantil têm conseqüências como a ruptura da vida escolar. Essas doenças impõem limitações como: a fadiga, o cansaço, emagrecimento, dificuldade de concentração, necessidade constante de ir às consultas ou de internação [...]" (DECIETE, 2010, p. 9).

Além disso, surge a “necessidade de se adaptar a novos horários, confiar em pessoas até então desconhecidas, receber injeções e outros tipos de medicação, ter que permanecer em

um quarto, ser privada de atividades de brincar – situações estas que não faziam parte da vida da criança e que caracterizam uma hospitalização” (MOTTA, 2004, p. 20).

A partir dessa reflexão é possível destacar a necessidade de se tratar/cuidar da doença, mas para, além disso, ter uma preocupação com os sentimentos e sensações que acompanham esse período de tratamento/internação, olhando, assim, a criança em sua totalidade. Neste sentido, o brincar aparece como uma das possibilidades, pois além de instrumento de recreação, ele pode auxiliar na aprendizagem e atuar como instrumento terapêutico.

Segundo Ribeiro (1993) em qualquer circunstância, a condição da criança enquanto sujeito histórico está presente e, por isso, está em constante processo de aprendizagem. Sendo assim, mesmo em um ambiente hospitalar a criança continua aprendendo, e assim a brinquedoteca poderá se constituir em um espaço que possibilite isto.

A partir destas considerações, este trabalho buscou conhecer o funcionamento da brinquedoteca do Hospital das Clínicas da Unicamp, administrada pela ONG Hospitalhaços. Pretendeu-se verificar em que medida este espaço se torna importante para crianças, pais (familiares ou responsáveis) e profissionais, tendo como foco central a criança, já que este espaço é destinado a ela.

Neste sentido, a pesquisa se voltou a verificar como a brinquedoteca e o lúdico auxiliam no período em que crianças entre quatro a oito anos permanecem no hospital (considerando que nesta faixa etária a maioria delas já se encontra em período escolar, no qual a brincadeira se faz presente), ou seja, investigou em que medida o brincar ameniza os efeitos da hospitalização e o auxilia na aprendizagem destas crianças.

A pesquisa analisou os efeitos que o brincar e a brinquedoteca causam na criança hospitalizada, tendo como referencial o ponto de vista da criança, seus familiares e ou/acompanhantes e profissionais, atribuindo importância às interações e relações estabelecidas entre todos estes envolvidos neste espaço.

Isso também permitiu analisar em que medida as atividades ali realizadas possibilitam que a criança continue aprendendo e mantendo um vínculo com sua rotina que foi deixada do lado de fora do hospital devido à doença.

A partir disso, destaca-se o *objetivo geral* desta pesquisa, que é o de investigar e analisar em que medida e como o brincar ameniza os efeitos da hospitalização e auxilia na aprendizagem de crianças hospitalizadas ou em período de tratamento, que têm entre quatro e oito anos, analisando esta importância do ponto de vista da criança, seus familiares e/ou responsáveis e profissionais.

Destacam-se alguns *objetivos específicos* de investigação, que auxiliaram e deram suporte para investigação do objetivo central deste estudo. Estes podem ser traduzidos pelas seguintes questões:

- Compreender o brincar neste espaço.
- Refletir sobre a função do brincar no ambiente hospitalar para crianças entre 4 a 8 anos em processo de hospitalização.
- Verificar em que sentido a brinquedoteca se torna um espaço facilitador do brincar.
- Pensar a relação entre o brincar e a aprendizagem e, analisar em que medida e como isso se torna possível neste ambiente.
- Observar quais profissionais atuam neste espaço e de que forma atuam.
- Investigar se o brincar auxilia efetivamente no período de internação/tratamento da criança. Em caso positivo, de que maneira.

Com isso, busca-se ampliar a dimensão do brincar, analisando o seu efeito na aprendizagem (não escolarizada), e o seu efeito terapêutico, buscando “pensar o hospital como um local de oportunidades de aprendizagens, enriquecedoras para o funcionamento psicológico; e o brinquedo, como uma importante possibilidade de ampliação de desenvolvimento.” (RIBEIRO, 1993, p. 36).

# CAPÍTULO 1 – SOBRE O BRINCAR E O ESPAÇO DESTINADO A ESSA ATIVIDADE

## 1.1 O Brincar e sua Importância

Nossa sociedade capitalista acaba não dando o devido valor à brincadeira, muitas vezes sendo vista como algo improdutivo, ligada ao ócio. Trata-se a infância como se “fosse uma mera passagem para a vida adulta, uma simulação, querendo a todo o momento tornar a brincadeira algo considerado útil dentro do sistema capitalista” (MORETTI e SILVA, 2011, p. 35). Neste trabalho a visão que se tem do ato de brincar vai em oposição à essa apresentada anteriormente.

Devemos reconhecer o brincar como direito da criança, e a partir disso pensar qual é o significado e importância dessa atividade para a própria criança, e quais benefícios propicia. Ao pensarmos em nossa infância, com certeza as brincadeiras com as quais costumávamos brincar estarão entre as lembranças, pois é um fator presente e influenciador. Se pensarmos naquelas pessoas que não tiveram a chance de usufruir da infância e brincadeira em sua totalidade, veremos o quanto isso lhe fez falta, pois:

O brincar, que é um ato indispensável à saúde física, emocional e intelectual do indivíduo, sempre esteve presente em qualquer povo desde os mais remotos tempos. Através dele a criança desenvolve a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a auto-estima. (SANTOS, 2000, p. 135).

Piccolo em *Brinquedoteca Hospitalar: isto é Humanização*, ressalta que: “conceitualmente o brincar pode ser considerado uma faculdade natural e espontânea, autotélica, uma capacidade inata ao ser humano” (2008, p. 16), evocando assim a importância deste ato para todo ser humano, sem distinção.

Seguindo essa linha, Oliveira afirma:

A capacidade de brincar é intrínseca ao ser humano. É extrema a importância da brincadeira, do ato de brincar, para o desenvolvimento infantil. O início das relações entre a criança e o mundo se dá através do brincar. Brincando, a criança (se) descobre, experimenta, conhece, cria, relaciona, compreende e transforma, começa lentamente a construir sua história. (2000, p. 29).

Brincar junto, brincar sozinho, em grupo, de faz-de-conta, com jogo de regras, brincar livre, brincar orientado, são tantos os nomes dados a esta atividade, mas uma coisa é certa,

através da brincadeira crianças se relacionam com o meio em que vivem, construindo sua própria história, pois a brincadeira constitui uma das formas que se utilizam para interagir e criar sua cultura, exercitar e desenvolver suas potencialidades.

O brincar, considerado para esses autores importante para o desenvolvimento humano, dá prazer, exercita a criatividade e imaginação, possibilita a socialização, dá a oportunidade de fazer novas amizades, incentiva a convivência com os outros, e assim possibilita a cooperação e o respeito, sendo “a melhor maneira de a criança comunicar-se, relacionar-se com outras crianças. Brincando, ela aprende sobre o mundo que a cerca e procura integrar-se a ele.” (SANTOS, 2000, p. 158).

O brincar auxilia no desenvolvimento integral da criança, pois proporciona “a aquisição de novos conhecimentos, desenvolve habilidades de forma natural e agradável. Ele é uma das necessidades básicas da criança, é essencial para um bom desenvolvimento motor, social, emocional e cognitivo.” (MALUF, 2003, p. 9).

Sendo assim, podemos dizer que o brincar é algo fundamental na infância, marcando-a profundamente. É uma importante forma de expressão para a criança, constituindo assim parte da essência da infância, considerando que:

Os jogos, brinquedos e brincadeiras são atividades fundamentais na infância. Por exemplo, o brinquedo pode estimular a curiosidade, a iniciativa e a autoconfiança; proporciona aprendizagem, desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção. (SANTOS, 2000, p. 157).

Ao falarmos sobre a importância do brincar é essencial recorrer ao pensamento de Lev Semionovitch Vygotski (1896-1934), um dos grandes pensadores da Psicologia do século XX e um dos principais fundadores da perspectiva histórico-cultural. Esta teoria reconhece o sujeito como histórico e social, onde este interage com seu meio, transformando-o e sendo transformado, ou seja, a Psicologia é colocada e estudada a partir da esfera social. Vygotski considera que “o indivíduo não se defronta com as coisas como uma consciência solitária. Ele é membro de uma comunidade social e depende de outras pessoas para ajuda material, comportamental e psicológica”. (RATNER, 2002, p. 16)

Assim sendo, o brincar como atividade humana também constitui uma prática social, pois possibilita a interação, a construção de cultura, constituindo uma fase de extrema importância para o desenvolvimento na infância. Pois:

Na concepção sócio-histórica de educação, o brincar é contemplado como atividade fundamental, uma vez que representa um espaço privilegiado de interação infantil e de constituição do sujeito-criança como sujeito humano, produto e produtor de história e de cultura. (BOIKO e ZAMBERLAN, 2001, p. 56).

Através da própria etimologia da palavra brincar, podemos extrair o significado social desta, pois “vem do latim e tem como radical a palavra *brinco*, que significa, na sua raiz morfológica, *vinculu/vinculum*. Brincar, portanto, constitui-se numa atividade de ligação ou vínculo com algo em si mesmo e com o outro.” (CERDEIRA, 2010, Disponível em: <http://www.percepto.com.br>).

À medida que a brincadeira também se constitui como uma prática social, ela promove a interação e a troca de experiências e aprendizados, assim sendo, é “na situação do brincar que a criança administra a sua relação com o outro e com o mundo, assimila os significados das ações humanas e se apropria deles; testa a sua autonomia e vai se constituindo enquanto sujeito” (BOIKO e ZAMBERLAN, 2001, p. 55).

Em relação ao termo “brinquedo” utilizado por Vygotski em algumas de suas obras, é essencial lembrar que, para ele o brinquedo não se restringe a um objeto, mas se refere ao mundo imaginário e ilusório da criança, em que seus desejos não realizáveis na realidade podem ser realizados, representando “a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais”. (VIGOTSKI, 1998, p. 117). Sendo assim, a situação imaginária é uma característica definidora do brinquedo.

Nessa situação a criança age além do objeto que ela vê, extrapolando seus significados. Ou seja, um mesmo objeto pode remeter a diversos significados: um pedaço de pau pode virar um cavalo, uma caneta pode virar uma agulha, etc. A criança assim “aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de numa esfera visual externa, fornecidos pelos objetos externos.” (VIGOTSKI, 1998, p. 126)

Pelo exposto anteriormente, podemos dizer que Vygotski considera o brincar/brinquedo como uma grande fonte de desenvolvimento, pois:

Em resumo, o brinquedo cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina-a a desejar, relacionando seus desejos a um “eu” fictício, ao seu papel no jogo e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade. (VIGOTSKI, 1998, p. 131).

Sendo uma atividade que constitui a infância e intrínseca ao ser humano ela pode ocorrer nos vários contextos de nossa sociedade, até mesmo onde se é proibido, as crianças encontram ‘brechas’ para que ela ocorra. Porém, o foco deste estudo é analisar o brincar que ocorre na Brinquedoteca, espaço referência, estruturado para esta atividade. A seguir, se discorrerá sobre sua origem e constituição.

## 1.2 O que é Brinquedoteca?

Para melhor entender o que esta por trás dessa palavra, BRINQUEDOTECA, é essencial buscar a origem deste espaço, e com quais finalidades ele foi idealizado, para em um segundo momento pensar neste espaço na realidade hospitalar.

Por volta do ano de 1934, um dono de uma loja de brinquedos em Los Angeles ao perceber que seus brinquedos estavam sendo roubados, reclamou com o diretor de uma Escola Municipal. Posteriormente, percebeu que isto acontecia porque as crianças não possuíam brinquedos com os quais pudessem brincar, e diante dessa situação, ele iniciou um trabalho social de empréstimo de brinquedos.

Esta ideia foi melhor desenvolvida anos depois, em 1963 na Suécia, em que foi fundada por duas professoras a *Lekotek* (termo que remete à ludoteca), que tinha como objetivo além do empréstimo de brinquedos, dar orientação para as famílias de crianças com deficiência, a fim de estimulá-los.

Aqui no Brasil, um trabalho semelhante começou a ser desenvolvido para crianças com deficiência em 1971, despertado por uma exposição de brinquedos pedagógicos em um evento importante de inauguração do Centro de Habilitação da Associação de Pais e Amigos Excepcionais (APAE) – São Paulo, que posteriormente deu origem a um Setor de Recursos Pedagógicos, implementando, em 1973, o Sistema de Rodízios de Brinquedos e Materiais Pedagógicos, considerada a primeira Brinquedoteca/Ludoteca do Brasil.

Porém, um avanço marcante no Brasil aconteceu em 1981, com a montagem da primeira Brinquedoteca do país, a *Brinquedoteca Indianópolis*, situada em São Paulo, que teve como diretora a pedagoga Nylse Cunha, criadora do termo *Brinquedoteca* no Brasil.

Em 1984, devido ao crescimento das discussões em torno deste tema e a necessidade de se criar uma associação, foi fundada por Nylse Helena Silva Cunha a Associação Brasileira de Brinquedotecas (ABBRI), em São Paulo. Desde então, a ABBRI vem se empenhando na

divulgação da importância do brincar, oferecendo cursos para a formação de brinquedistas, e auxiliando na montagem de brinquedotecas por todo país, tendo atualmente projeção nacional.

Esta:

[...] conceitua brinquedotecas como espaços mágicos destinados ao brincar das crianças e alerta para o fato de que não podem ser confundidas com um conjunto de brinquedos ou depósito de crianças, pois a criação de uma brinquedoteca está sempre ligada a objetivos específicos tais como sociais, terapêuticos, educacionais, lazer, etc. (BARBOSA, 2006, p. 9).

Percebe-se que este espaço foi e continua sendo criado de acordo com a necessidade local, para atender os objetivos de uma dada comunidade e público, mas há algo em comum entre todas elas, proporcionar momentos de brincadeiras para as crianças, bem como o acesso a uma variedade de brinquedos, cada uma com o propósito de atingir seus objetivos específicos de acordo com a realidade na qual se encontra.

De acordo com Cunha, a Brinquedoteca “É um espaço onde as crianças (e os adultos) brincam livremente, com todo o estímulo à manifestação de suas potencialidades e necessidades lúdicas” (2011, p. 13), ou seja, é um espaço de incentivo à brincadeira, organizada de modo a despertar este interesse e possibilitar oportunidades diversificadas para que ela ocorra.

Em uma sociedade como a nossa, em que o brincar é visto como perda de tempo, destinado a uma fase ‘improdutiva’ da vida, muitas vezes não damos a devida importância a esta atividade e às pessoas que estão envolvidas com ela. A racionalidade reina, e nossa faceta emocional é deixada para segundo plano. Diante desta realidade, a brinquedoteca vem propor uma visão totalmente inversa, buscando “resgatar a essência do ser humano pela via da emoção. Razão e emoção são características principais do ser humano, pois é um ser racional e emocional na mesma medida.” (SANTOS, 2000, p. 60).

## **CAPÍTULO 2 – BRINCAR E BRINQUEDOTECA NO HOSPITAL**

### **2.1 Breve Histórico e Conceituação**

Para a melhor compreensão do brincar neste contexto devemos primeiramente compreender como se deu sua efetiva valorização. Em 1956, Yvonny Lindquist, na Suécia, tentou introduzir o trabalho com brinquedos para as crianças que se encontravam hospitalizadas na Pediatria de um hospital. Porém, esta sua iniciativa foi rejeitada, com o receio de que brincadeiras e brinquedos atrapalhassem o trabalho dos profissionais da saúde.

Ela não desistiu de sua ideia, e com o tempo sua perseverança deu resultado, pois médicos foram percebendo que as crianças que brincavam enquanto estavam hospitalizadas se recuperavam mais depressa. Assim, “no Hospital Karolinska, de Estocolmo, o maior hospital pediátrico da Suécia, com o apoio do Dr. John Lind, Presidente da Associação Sueca de Pediatria, a terapia pelo brinquedo foi introduzida e divulgada” (CUNHA, 2008, p. 71).

Com a introdução deste trabalho no hospital crianças e familiares passaram a participar de atividades lúdicas, interagindo melhor e retirando o foco da doença. Isso trouxe benefícios para estas crianças hospitalizadas, pois diminuía o estresse e ansiedade causados por este período de hospitalização. Até mesmo o Ministério da Saúde e Bem-Estar Social da Suécia, propôs que este trabalho com brinquedos/brincadeiras se tornasse um direito para as crianças, a partir do reconhecimento de seus benefícios.

No Brasil, em 1974, ano seguinte da implementação da primeira brinquedoteca no Brasil, existente na APAE, foi realizado o Congresso Internacional de Pediatria, que aconteceu na cidade de São Paulo. A partir desse evento, começou a se expandir sobre a importância deste espaço para crianças em quaisquer situações.

A partir de então, através do reconhecimento do brincar em vários contextos, entre eles o hospital, vários profissionais de diversas áreas começaram a se interessar pelo tema, como educadores, enfermeiros, psicólogos, médicos, artes, e possivelmente foi dada a viabilização deste trabalho no ambiente hospitalar. Porém, as primeiras brinquedotecas hospitalares surgiram no Brasil por volta da década de 90.

Como já dito, com a hospitalização a criança é afastada temporariamente da rotina na qual está acostumada, de seus familiares, amigos, escola, animais de estimação, de seus brinquedos. Também são afetados seus costumes como alimentação, horários, sono.

Ao invés de conviver com tudo o que estava acostumada até então, a criança passa a conviver em um ambiente que lhe é estranho (e muitas vezes hostil e assustador), com pessoas desconhecidas que por vezes se aproximam para a realização de procedimentos desagradáveis e dolorosos. Tudo isso afeta profundamente a criança, causando-lhe sofrimento, bem como para seus familiares que lhe acompanham nesta nova situação.

Em meio a isso, muitos hospitais têm procurado pensar na totalidade do ser humano, não o olhando somente como uma doença, como um número, e sim uma pessoa que está em constante processo de desenvolvimento. Isto podemos chamar de **humanização**.

Para compreender este termo, convém assinalar o conceito de Viegas (2008):

**Humanizar** – existe uma porção de modos de entender esta atitude: interesse real pela pessoa, com respeito, solidariedade, demonstrando o gostar e o amar, com delicadeza. É mais um sentimento, sobretudo, quando essa pessoa está fragilizada pela doença e com risco de morte, e sendo cuidada em um ambiente estranho, o hospital, frequentemente com muita ciência e tecnologia, mas nem sempre com o carinho necessário. É importante que ela guarde uma lembrança boa do hospital, onde se pretendeu salvá-la. (p. 11)

Alguns exemplos que tem ocorrido em relação à humanização nos hospitais são:

- Permissão da entrada dos pais no Berçário, UTI Neonatal e Pediátrica.
- Mãe acompanhante nas enfermarias de Pediatria para crianças e adolescentes.
- Visitas dos pais às crianças em horário livre.
- Respeito ético aos direitos do paciente, com o conhecimento de seu estado de saúde.
- Manter um bom relacionamento entre médicos e familiares, evitando discussões próximas ao leito.
- Estímulo ao brincar.

Viegas (2008) aborda sobre este estímulo ao brincar, encaixando neste quesito, grupos de palhaços, contadores de histórias, músicos, pintura, classe hospitalar, e a brinquedoteca, que é o foco deste estudo.

Em meio a esse turbilhão de emoções que a hospitalização causa nas crianças e em seus acompanhantes surge um espaço diferente, delas e para elas. As paredes brancas são substituídas por paredes coloridas, com desenhos, o silêncio é substituído por risos,

gargalhadas, conversas entre amigos, a fragilidade demonstrada no leito dá lugar ao movimento, ao deslocamento da criança a um espaço feito especialmente para ela. Tudo ficou diferente:

Tá tudo colorido! Parece até que trouxeram um pedacinho daquele mundo que havia ficado tão distante, são tantas cores, brinquedos, bonecas, palhaços... são novos amigos, todos sorrindo, chamando meu nome, aquele verdadeiro, é música, é dança, é brincadeira ou é brinquedoteca? (VIEGAS, 2008, p. 132 - Depoimento de uma mãe).

A Brinquedoteca melhora a estética do hospital, dando-lhe cor, vida. Em meio ao sofrimento, choro, dor podemos ver também a alegria, a vontade de viver dos pequeninos que enfrentam tão corajosamente esta situação. É dada assim a possibilidade de resgatar e sentir um leve gostinho da sua rotina habitual, ela volta a ser criança usufruindo de seu direito de ser.

É possível pensar então na atividade do brincar no hospital, como uma prática que viabiliza e fortifica o elo da criança hospitalizada com suas vivências e práticas diárias, ou seja, ela se torna um vínculo com sua rotina que foi deixada do lado de fora do hospital devido à doença.

A instalação deste novo ambiente dentro do hospital garantido por lei é o primeiro passo, em um segundo momento devemos pensar nos reais benefícios que este pode trazer a este público ao qual é destinado, ressaltando a importância do reconhecimento destes pelos profissionais que estão atuando neste setor, pois para saber o que fazer é necessário saber para onde se está indo.

Macedo (2008) destaca alguns objetivos que a Brinquedoteca Hospitalar vem assumindo, que são:

1. A valorização do brincar
2. Fins terapêuticos: incentivando promover o desenvolvimento de crianças que se encontram hospitalizadas.
3. Fins educativos: em que crianças adquirem novos conhecimentos em diversas áreas.
4. Resgate de valores da comunidade.
5. Resgate do lazer, que se dá também através de atividades que envolvem o coletivo.

Cabe lembrar que o brincar é possível não somente nas brinquedotecas, mas também nos leitos, porém, o foco deste trabalho foi o espaço destinado ao brincar e que são coletivos, tendo como referencial que:

Na brinquedoteca, as crianças têm a referência do seu espaço para a recreação, lazer e lúdico. É o lugar onde a diferença não faz diferença. São idades, histórias de vida, educação, formação familiar e personalidades diferentes, mas todos se entendem, pois o objetivo é comum – transformar pequenas intervenções em momentos de magia sedativa. (PAULA, 2009, p. 142).

A seguir, serão abordados os aspectos benéficos que o brincar no hospital proporciona para as crianças que se encontram internadas, seguindo os objetivos propostos deste trabalho, ou seja, os benefícios para a aprendizagem destas, bem como a facilitação da externalização de sentimentos indesejáveis (efeito terapêutico).

## **2.2 A Aprendizagem neste contexto**

Como já dito, a hospitalização traz grandes mudanças para a vida das crianças, muitas vezes causando sentimentos indesejáveis que podem afetar seu comportamento habitual. Isso pode deixar marcas e traumas nas crianças depois deste período de internação. Assim sendo, este período aparece por vezes como fator de risco para o desenvolvimento infantil.

Em contrapartida, são inegáveis as contribuições do brincar para o desenvolvimento da criança, como apresentado no capítulo anterior. Sendo assim, a brinquedoteca, como um espaço estruturado para o brincar, aparece como possibilitadora dessa atividade no ambiente hospitalar, pensando no desenvolvimento integral da criança, ou seja, físico, psicológico, social, considerando que:

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão. O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para uma boa saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento. (MODA, 2006, p. 40).

Além disso, esse brincar no hospital possibilita o desenvolvimento da imaginação na criança, da criatividade, fortalece sua autoestima gerando autoconfiança, incentiva a descoberta e exploração, desenvolve seu pensamento, a torna ativa inclusive na construção do

próprio conhecimento. Este espaço permite também que as crianças tomem decisões, pois podem escolher se querem ou não brincar, escolher suas brincadeiras e brinquedos, desenvolvendo sua criticidade e opinião, e ampliando o estímulo à produção de novos conhecimentos, o que muitas vezes não é exercitado ao estar isolada no leito.

A criança enquanto sujeito histórico está em constante processo de aprendizagem, sendo assim, mesmo em um ambiente hospitalar a criança continua aprendendo, e nisto a brinquedoteca poderá representar um dos lugares que possibilitam a aprendizagem, por meio do lúdico, pois:

O homem nasce sedento de experiências, quer conhecer, apropriar-se do conhecimento, e é essa aprendizagem ocorrida em todas as fases de sua vida que o mantém vivo, torna integrante de uma sociedade e lhe permite participar, criticar, criar e transformar sua história e a história de seu tempo. (OLIVEIRA, 2000, p. 30).

De acordo com Vygostki, a criança está aprendendo desde o nascimento, aprendizado este que continua ao longo da sua vida, em todos os âmbitos sociais que o sujeito esteja inserido, e por consequência deste aprendizado há desenvolvimento, pois “aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança”. (VIGOTSKI, 1998, p. 110). Nisto, a interação social se constitui em um importante aspecto para a promoção desta aprendizagem e desenvolvimento.

Ao se relacionar com seu meio social e as pessoas que estão inseridas nele, os indivíduos transformam esse meio e se transformam, pois, “o homem não é apenas um produto de seu ambiente, é também um agente ativo no processo de criação deste meio.” (LURIA, 1988, p. 25). Assim sendo, compartilham saberes e conhecimentos, construindo aprendizagens coletivamente, que é fruto desta interação social.

A Brinquedoteca no hospital possibilita a interação das crianças com outras crianças e adultos, bem como entre adultos e adultos. Assim, possibilita o brincar e aprendizagem individual e coletiva, incentivando a socialização e o estabelecimento de novos relacionamentos. Essa interação maximiza o desenvolvimento, pois, na medida em que a criança brinca, “vai se desenvolvendo, passa a modificar sua relação com o mundo, o que faz com que sua identidade esteja em constante modificação.” (MALUF, 2003, p. 67).

É essencial ressaltar que esta aprendizagem que se torna possível neste espaço não está restrita a um aprendizado escolar, e não se pretende escolarizar o hospital, considerando que “a brinquedoteca é um contexto bem diferente de uma Escola, porque nela não há cobranças, mas uma preocupação em atender às necessidades afetivas e ao interesse das crianças.”

CUNHA, 2011, p.89). Porém se reconhece que ela pode sim acontecer, pois por meio de uma diversidade de jogos e atividades propostas neste espaço, as crianças podem adquirir conhecimentos que coincidem com o aprendizado escolar.

Tem-se como base que “o homem aprende através dos sentidos. A capacidade de ver, sentir, ouvir, cheirar e provar proporciona os meios pelos quais se realiza uma interação do homem com seu meio.” (BRITAIN, 1977, p. 17), ou seja, é através de todos os sentidos que a criança aprende, é em sua totalidade, com sua razão e emoção, e é por meio da valorização de todos seus sentidos que se amplia o conceito de aprendizagem que ocorre nas brinquedotecas.

A partir disso, entram em cena os profissionais (brinquedistas, educadores, voluntários), que atuarão diretamente com as crianças neste espaço da Brinquedoteca, e que serão responsáveis por maximizar as potencialidades do brincar, que já foram citadas. Apesar de muitas vezes estes profissionais serem vistos apenas como companheiros de brincadeiras, desempenham um papel muito maior e importante, tendo como base que:

O papel do adulto no brincar da criança é fundamental. A forma de relação estabelecida por ele irá incidir diretamente no desenvolvimento integral da criança, e sua postura poderá facilitar ou dificultar o processo de aprendizagem infantil. O investimento na qualidade dessa relação é imprescindível em qualquer espaço de educação, seja ele formal ou informal.” (OLIVEIRA, 2000, p. 32).

Para garantir a ampliação dos efeitos do brincar em seus múltiplos aspectos, os profissionais que atuam juntamente com as crianças necessitam conhecer qual a proposta da brinquedoteca em que atuam, e quais são os objetivos que pretendem atingir, para assim pensar em formas de atuação.

Cabe ressaltar que isto se refere tanto ao brincar mais dirigido, quanto no brincar livre e espontâneo da criança, sendo que no primeiro o educador brinquedista atuará diretamente, no momento exato da brincadeira, e já no segundo mesmo que ele não esteja participando fisicamente em determinada brincadeira, indiretamente ele também foi responsável, ao dispor para as crianças a diversidade de materiais que necessitam para tal atividade, ampliando assim as possibilidades e explorando ao máximo as brincadeiras.

Pensando em um brincar mais dirigido ou que vise algum aprendizado, se torna eficaz o auxílio de pessoas que já tenham adquirido determinado conteúdo, e que desempenhem assim o papel de mediadoras. A respeito disso, podemos nos fundamentar na teoria proposta por Vygotski, que propõe dois níveis de desenvolvimento: o real e o potencial.

O *real* diz respeito às funções da criança que já amadureceram, ou seja, aquilo que ela consegue desenvolver de forma independente. Já o desenvolvimento *potencial* diz respeito àquilo que a criança não consegue fazer por conta própria, mas é capaz de fazê-lo com a ajuda de adultos ou pessoas que já possuem determinada experiência. A distância entre o nível de desenvolvimento real e o potencial é denominada zona de desenvolvimento proximal, definindo as funções que estão em processo de maturação. Ou seja, “... aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”. (VIGOTSKI, 1998, p. 112)

A partir disso, percebe-se que a brincadeira permite a criação de uma zona ou espaço de desenvolvimento proximal, com a mediação dos profissionais e também das outras crianças e adultos que frequentam a Brinquedoteca, a fim de potencializar a aprendizagem, Lembramos, pois o que diz Vygotski:

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (VIGOTSKI, 1998, p. 118).

A Brinquedoteca Hospitalar constitui então este espaço que possibilita essa relação criança-criança, criança-adulto, interação esta que muitas vezes é comprometida quando a criança fica isolada em seu leito, excluída de um convívio social com pessoas da sua idade. Possibilita assim a troca, a construção de novos saberes, compartilhamentos de ideias e experiências, e nisto os profissionais da Brinquedoteca também desempenham seu papel incentivando essas interações, e estando atentos à “preparação de situações que facilitem interações através das quais a criança possa aprender por si mesma.” (CUNHA, 2011, p. 103).

### 2.3 O Efeito Terapêutico do Brincar

Ao ampliarmos o brincar para além de passatempo e ocupação do ócio, devemos considerar também uma das grandes funções que este desempenha na vida destas crianças que se encontram hospitalizadas, o que designamos de efeito terapêutico, à medida que permite que se distraiam e assim tirem o foco da doença, bem como expressem seus sentimentos.

Enquanto brincam as crianças podem se esquecer por um momento que estão no hospital, se distraem, pensem em outras questões ao invés da doença (que já é tão enfatizada em toda sua hospitalização), pensando em coisas comuns na infância. Além disso, “o brincar ou o brinquedo, (...) torna-se uma terapia, um meio pelo qual a criança externaliza suas ansiedades, medos, dúvidas e inseguranças” (SOLOVIJOVAS, 2004, p. 23).

Ou seja, além do prazer que o brincar traz para a criança, ele possibilita que esta entre em contato com suas angústias e sentimentos e lide com sua realidade de uma forma diferente, pois:

É também na atividade lúdica que pode conviver com os diferentes sentimentos que fazem parte de sua realidade interior. Na brincadeira a criança aprende a se conhecer melhor e a aceitar a existência do outro; organizando, assim, suas relações emocionais e estabelecendo relações sociais. (ADAMUZ, BATISTA e ZAMBERLAN, 2000, p. 159)

Este brincar possibilita assim a expressão dos sentimentos mais profundos e até mesmo desconhecidos das crianças, e como consequência positiva disto, estudiosos apontam que há uma maior aceitação e participação da criança em seu tratamento, possibilitando que lide com a situação que esta passando de forma mais tranquila e assim menos traumática (que é um dos principais objetivos da Brinquedoteca Hospitalar).

Nem sempre podemos saber quais são as inquietações que perturbam as crianças, pois muitas vezes nem mesmo a criança sabe bem o que está passando ou sentindo, e nisto o brincar pode auxiliar ao mostrar quais são as carências e sentimentos desta no momento, pois “um bom mergulho no brincar certamente poderá ajudar a superá-los, razão pela qual as oportunidades oferecidas devem ser bem variadas e a liberdade de escolha assegurada”. (SANTOS, 2000, p. 30)

Ou seja, através do brinquedo e do brincar da criança, os adultos, principalmente os profissionais que trabalham com ela, podem se aproximar e compreender as vivências/desejos/sensações desta e, assim, pensar em possibilidades de atuação, tornando a estadia da criança mais alegre.

Assim sendo, pensamos na Brinquedoteca como um espaço onde a criança pode liberar sentimentos indesejáveis causados pela hospitalização, o que muitas vezes não lhe é “permitido” em outras situações. Como exemplo disso podemos pensar em algum procedimento doloroso por qual a criança vai passar e que assim lhe gera medo, em que é comum que a criança ouça “Não chore”, “Você já é um homenzinho, não vai chorar”. O choro nestes casos se torna uma grande forma de expressão que a criança encontra na situação que lhe gera medo, angústia, raiva, ansiedade, porém sem nos darmos conta reprimimos qualquer forma de expressão deste tipo de sentimentos.

Neste processo de expressão de sentimentos indesejáveis, o faz-de-conta e imaginação podem desempenhar uma importante função, à medida que poderá trazer à realidade exterior fragmentos da realidade interior da criança. Pois, “quando a criança brinca de faz-de-conta, utiliza-se de sua imaginação, de sua memória, de sua percepção, de sua criatividade, para representar a realidade a seu modo” (OLIVEIRA, 2008, p. 29).

Vygotski (2003) também defende essa ideia ao dizer que a partir da imaginação a criança pode criar novas combinações, combinando elementos reais com elementos da fantasia. Além disso, para ele toda fantasia parte de experiências acumuladas e mantém relação com os sentimentos (sendo influenciada por estes).

Segundo Oliveira (2008) através de sua imaginação, a criança trará algo interno para o plano palpável e visível, ou seja, entrará em contato com seus sentimentos profundos. Ao projetá-los à realidade os visualizarão e os tornarão mais concretos, dando suporte para que a criança entenda e aceite de forma mais tranquila o que esta acontecendo com ela neste período, podendo ainda criar possibilidades de novos hábitos e soluções para problemas.

Cabe aos profissionais que atuam diretamente com as crianças em momentos lúdicos, verificar em que medida estas estão representando através da brincadeira sua própria realidade e o momento que estão passando, para assim atuarem de forma a maximizar o esclarecimento e aceitação do processo de hospitalização.

Ao se pensar em ambientes em que as crianças possam se expressar livremente através da linguagem que desejarem (pelo brincar, escrever, desenhar), estaremos proporcionando auxílio a estas no enfrentamento deste período de doença, o que se reverterá em benefícios para a sua própria recuperação.

## **CAPÍTULO 3 – BRINQUEDOTECA HOSPITALAR E SEUS EFEITOS: PRÁTICAS OBSERVADAS**

### **3.1 Metodologia**

Depois de explorar os trabalhos teóricos sobre o tema, o segundo passo foi procurar hospitais que possuem brinquedotecas em suas dependências, para assim conseguir o campo para a efetivação da proposta de trabalho. Em Campinas não são todos os hospitais que possuem um trabalho deste tipo em suas pediatrias, embora este seja garantido por Lei.

Procurei algum trabalho desta natureza nos hospitais na cidade de Americana que possuem a Ala da Pediatria, e até mesmo em um Hospital Municipal Infantil, porém nenhum o possuía efetivamente.

A escolha do hospital no qual se deu a pesquisa foi baseada em algumas características: o hospital já ter um trabalho mais estruturado com o brincar e o lúdico, contando com profissionais que se dedicam a isto; a abertura que se é dada para a pesquisa; e principalmente por ser um Hospital Público (Hospital de Clínicas), destinado assim a uma variada população. Além disso, é um hospital muito reconhecido na Região Metropolitana de Campinas, e dessa forma, muitas pessoas das cidades vizinhas se deslocam até ele, apresentando assim um grande número de atendimentos.

Para a realização da pesquisa nas dependências do hospital foi preciso passar pelo de Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (FCM/UNICAMP), que “é vinculado ao Ministério da Saúde, instituído pela Portaria DFCM nº 20/97, e tem por finalidade fazer cumprir os aspectos éticos das normas vigentes de pesquisa em seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, Resolução nº 251 de 5 de agosto de 1997 e Resolução nº 292 de 8 de julho de 1999, assim como quaisquer outras que venham a ser normatizadas”. (Em: <http://www.fcm.unicamp.br/fcm/pesquisa/comite-de-etica/regimento>). As visitas só foram realizadas a partir da aprovação do Comitê.

A presente pesquisa se constitui em um estudo de caso, através da observação de uma realidade específica, com a inserção do pesquisador no ambiente pesquisado. A coleta de dados foi realizada de variadas formas (observação, questionários, interação), detalhados a seguir; tais dados foram analisados com base no referencial teórico adquirido por meio de leituras.

Quanto à parte empírica, realizou-se sete visitas de campo, com no máximo três horas e meia de duração à brinquedoteca do Hospital das Clínicas da Unicamp, administrada pela ONG Hospitalhaços.

Este Grupo Hospitalhaços nasceu a partir de um trabalho voluntário desenvolvido na Enfermaria e UTI Pediátricas no HC da Unicamp, fundado em abril de 1999 por Walkiria Camelo e Márcio Parma, ex-integrantes do Grupo Toy, que já utilizava a figura do palhaço no processo de humanização no ambiente hospitalar.

Com o crescimento deste grupo, houve a necessidade de organizar este trabalho formalmente. Dessa forma, em 2001 foi fundada a Associação Hospitalhaços, e com isso expandiu a captação de novos voluntários e ampliou o número de unidades atendidas.

No ano de 2004 a ONG implanta a brinquedoteca na unidade pediátrica do Hospital de Clínicas da Unicamp, local em que foram realizadas as visitas que compõem o presente trabalho. Também neste ano estabeleceu-se a parceria da Associação Hospitalhaços com a Universidade Estadual de Campinas, onde a ONG passa a ser uma disciplina eletiva: Trabalhos Comunitários.

Com seu trabalho nos hospitais, a ONG tem como finalidade levar aos pacientes de todas as idades, acompanhantes e profissionais, dignidade, amor e alegria, promovendo assim a humanização hospitalar com o desenvolvimento de atividades lúdicas e pela figura do palhaço. Pensa-se assim no indivíduo em sua totalidade, que não deve ser visto apenas como um número, e sim como uma pessoa com necessidades como as demais.

Atualmente os Hospitalhaços atendem onze Hospitais Públicos, mantêm e administram três brinquedotecas, beneficiando assim inúmeros pacientes em todo seu tempo de atuação. Para o andamento e continuidade do trabalho desenvolvido pela ONG é essencial a colaboração que ocorre de diversas formas: A partir do trabalho voluntário como palhaço, ou brinquedista, em que também está presente a doação da capacidade de profissionais de diversas áreas, exercendo as mais variadas funções; captação de recursos a partir de atividades como festas, bazar, bingo, etc; por meio de doações (brinquedos, livros, DVD infanto-juvenis, material de artes plásticas, roupas novas ou usadas, sapatos, complementos, objetos de decoração, etc – a serem vendidos no bazar); apoio de pessoas físicas ou jurídicas.

Hoje, a associação conta com aproximadamente 520 voluntários, entre palhaços e brinquedistas, que promovem a humanização do ambiente hospitalar através de atividades lúdicas.

O trabalho desenvolvido pela ONG no hospital se dirige a todos os envolvidos no ambiente hospitalar, como crianças, adolescentes, familiares, adultos, e profissionais. Porém,

este trabalho que tem como foco central a Brinquedoteca, selecionou como sujeitos da pesquisa crianças entre 4 a 8 anos de idade, que frequentam este espaço. Essa escolha tem por base que crianças nesta faixa etária já estão incluídas no processo escolar, e conseqüentemente são afetadas em relação à aprendizagem e interação com outras crianças. Além disso, esta fase é fortemente marcada pela presença do brincar.

Também foram sujeitos da pesquisa pais/familiares de crianças nesta faixa etária; e profissionais da brinquedoteca que mantém um contato de maior proximidade diariamente com as crianças em momentos em que o lúdico está presente.

Assumindo o papel de pesquisador-participante, foram realizadas as seguintes atividades:

- Observações (do espaço, da relação crianças-profissionais-familiares), como meio de conhecer a realidade do hospital, bem como sua rotina e estrutura do espaço da Brinquedoteca Hospitalar. Com as observações foi possível verificar a rotina que a criança hospitalizada precisa seguir e respeitar no período em que estiver internada, e as relações que são estabelecidas neste período por todos que estão envolvidos neste contexto.

- Interações com as crianças em situações lúdicas (considerando este momento importante para verificar o olhar da criança diante de sua situação atual), com a participação em momentos de faz-de-conta, jogos educativos, desenhos. Esta etapa do trabalho complementa a observação e vai além, pois aprofunda os dados coletados com a observação. Pude conhecer mais profundamente a rotina da criança no hospital, bem como as relações ali estabelecidas.

Através do diálogo com as crianças e seus familiares pude conhecê-las mais, verificar mais de perto seus sentimentos, angústias, desejos. Conhecer um pouco mais sua rotina fora do hospital e como têm lidado com a hospitalização.

Posterior a este período de observação e interação, foram adotados os seguintes **procedimentos**.

1. Registros em diários de campo, particularmente em situações que envolvem o brincar e o espaço em que essa atividade se torna possível, no caso da pesquisa atual, a brinquedoteca. Estes registros são constituídos de dados obtidos por meio da observação e interação.

2. Além disso, realizou-se perguntas por meio de um questionário simples, com familiares e com alguns profissionais da Brinquedoteca, que estão efetivamente relacionados com a brincadeira/brincar.

Este questionário possibilitou a verificação do ponto de vista destes em relação à brinquedoteca e seus possíveis benefícios na minimização dos efeitos negativos da hospitalização e no auxílio à aprendizagem para a criança hospitalizada.

Os dados obtidos das observações e interações com as crianças, registrados em diários de campo, serviram como base na análise e reflexão do que este espaço da brinquedoteca representa para a criança, como o brincar atua no período em que ela está internada e/ou período de tratamento para amenizar os efeitos da hospitalização, e proporcionar momentos de aprendizagem enquanto esta permanece hospitalizada.

Todas estas etapas citadas foram realizadas a partir das perspectivas teóricas adquiridas no período de estudo, referentes ao tema central da pesquisa, à luz da teoria histórico-cultural, e de autores que discorrem sobre o tema proposto, envolvendo questões como o brincar na infância, a brincadeira como forma de expressão, a importância da interação para a aprendizagem, papel do brinquedista/educador, aspectos importantes para a presente pesquisa.

## 3.2 Estrutura e Funcionamento da Brinquedoteca

### 1. Estrutura

A Brinquedoteca administrada pela ONG Hospitalhaços, no Hospital de Clínicas – UNICAMP fica localizada em um pátio central da ala de Pediatria do Hospital, ao redor deste, se localizam os quartos, Unidade de Terapia Intensiva (UTI Pediátrica), Sala com camas para acompanhantes de pacientes que estão na UTI, Recepção, Sala de docentes e profissionais, e há também alguns bancos fixos.

Este espaço é coberto com telha clara, o que permite com que a iluminação seja natural, assim como a ventilação. Não há nenhuma janela nesta parte central da Pediatria, e por conta disso não é possível ver o lado de fora, ver como está o tempo, as coisas que estão ao redor. Há janelas nos quartos, que dão visão aos próprios prédios que compõem o HC.



Fonte: <http://picasaweb.google.com/hospitatwitter/BRINQUEDOTECAUNICAMP>



Fonte: <http://picasaweb.google.com/hospitatwitter/BRINQUEDOTECAUNICAMP>

Neste espaço, há um grande pôster da ONG, em que estão escritos os dados da ONG, como endereço da sede, telefone, CNPJ, e o logo (foto acima). Com letras grandes está escrito: BRINQUEDOTECA HOSPITALHAÇOS, seguindo com a frase: “Nosso trabalho é uma brincadeira muito séria”.

Nas laterais existem dois armários médios de concreto (observado na foto acima, abaixo do pôster), em que são guardados os materiais da ONG, como jogos, desenhos, atividades, lápis, cola, tapete de EVA (que também é guardado ao final do dia), brinquedos diversos (com um maior número de quebra-cabeça, jogo da memória). Neste armário, os voluntários da ONG guardam seus pertences.

Além de uma diversidade de brinquedos, a ONG possui um envelope com diversos desenhos para as crianças pintarem, e com atividades educativas como cantigas; contas de adição, subtração, divisão e multiplicação; caça-palavras; atividades de completar palavras. Todas estas ficam disponíveis para as crianças, que podem retirar o quanto quiserem, sendo também fruto de doações.

O tapete de EVA é montado em um dos extremos do pátio, onde ficam montadas duas barraquinhas com bolinhas e túnel, um escorregador de plástico e alguns brinquedos de encaixe para crianças pequenas. As crianças podem levar algum jogo e sentarem ali para brincar, porém antes devem retirar os sapatos, visando evitar a contaminação do tapete. Ao lado, há uma estante com livros, que ao final do dia é guardada em um dos armários. As crianças podem pegar livros e sentarem nos bancos ou no próprio tapete.

Mais à frente, no centro do pátio (como é possível observar na foto do espaço físico), há uma mesa grande de madeira com banco grande, e ao lado há três mesas com duas cadeiras fixas cada. Essas mesas são utilizadas pelas crianças, pais e voluntários da ONG; nelas as crianças brincam, desenham, executam atividades artísticas, as mães sentam para conversar, algumas vezes as utilizam para lanchar. No outro extremo do pátio há uma pequena casinha, e ao redor algumas motoquinhas, sendo estes brinquedos pertencentes ao Hospital e não à ONG.

Em frente ao pátio há uma pequena sala também intitulada de brinquedoteca que atua juntamente com a ONG, porém todos os materiais contidos nela são de propriedade do hospital. Ela funciona também na parte da manhã e há uma funcionária contratada, formada em Pedagogia que atua todos os dias.

Nesta sala há um grande espelho, uma TV com vídeo-game, 2 computadores, brinquedos (como bonecas, utensílios de casinhas, carrinhos) e um armário com vários jogos. Há também uma mesinha para as crianças, e algumas cadeiras, porém por ser um espaço pequeno, não comporta um grande número de pessoas de uma vez só. As crianças vão do pátio para a sala, pois para elas uma é extensão da outra, ou seja, ambas fazem parte de um mesmo espaço: a Brinquedoteca.

## **2. Funcionamento**

A Brinquedoteca da ONG funciona na parte da tarde, das 13:45 às 17:00 horas. Há uma supervisora voluntária (estudante de Pedagogia) que comparece de segunda à sexta na Brinquedoteca, e em todos os dias há voluntários. Além disso, há estudantes de diversos cursos da UNICAMP, que devido às disciplinas eletivas de Trabalhos Comunitários (AM018 - Trabalhos Comunitários I; AM019- Trabalhos Comunitários II) atuam durante um semestre na Brinquedoteca, um dos campos de atuação desta disciplina. Esta possui uma carga horária total de 60 horas, e os estudantes devem cumprir no mínimo 75% desta. Ao final do semestre

escrevem um relatório descrevendo tudo o que observaram e realizaram neste espaço, e é a partir disso que obterão a nota final da disciplina.

Até então somente os voluntários para palhaços passavam por treinamento, porém, em reunião da ONG realizada em 13 de Outubro de 2012, ficou estabelecido que todos os candidatos a voluntários para a brinquedoteca deverão passar por um treinamento básico que será realizado em sua sede em todos os meses do ano. Com isso busca-se melhorias para a brinquedoteca e atuação dos brinquedistas.

O público atendido nesta Pediatria é composto por crianças internadas, sendo que muitas podem sair dos leitos, e assim frequentar a Brinquedoteca se desejarem. Essas crianças no geral estão passando por situações de internações mais curtas (algumas uma semana, quinze dias, meses), algumas por motivo de tratamento retornam ao hospital e são internadas várias vezes, permanecendo ali o tempo necessário. Muitas estão ali, pois irão passar por algum procedimento cirúrgico, permanecendo posteriormente até sua recuperação. As causas das internações são muito variadas, atendendo uma diversidade muito grande.

A seguir será apresentada de forma sucinta a rotina de funcionamento deste espaço, que dará base para o entendimento das discussões posteriores:

A supervisora voluntária da ONG chega ao hospital de segunda a sexta-feira por volta das 13:45h, e logo se dirige aos armários (que ficam trancados), onde são guardados os brinquedos. Aos poucos vão chegando voluntários ou alunos da eletiva, que imediatamente se dirigem à supervisora que os orienta para o trabalho. Primeiramente são orientados na montagem do tapete de EVA em um dos extremos do pátio, e na organização de alguns brinquedos, como: barraquinhas, túneis, um pequeno escorregador, bonecas, coisas para crianças pequenas, e ao lado uma estante com livros. As crianças e acompanhantes ficam à vontade para sentarem no tapete, porém é obrigatório tirar os sapatos antes, como prevenção à contaminação.



*Detalhes tapete de EVA.*

*Fonte: <http://picasaweb.google.com/hospitatwitter/BRINQUEDOTECAUNICAMP>*

Organizado este canto, a supervisora orienta que os voluntários convidem as crianças presentes na Brinquedoteca a brincar com o que desejarem, e logo em seguida, ela se dirige aos leitos, avisando para crianças e seus acompanhantes que a ONG já iniciou seu trabalho naquele dia, os convidam e os incentiva a participarem.

Conforme as crianças chegam, os voluntários são orientados a motivar a participação de todos nas atividades ali propostas. Todos que se encontram neste espaço ficam livres para escolher jogos, brinquedos, desenhos. Geralmente as crianças brincam com os voluntários, enquanto as mães ficam sentadas ao redor, observando ou conversando com outras mães; algumas querem também participar das atividades juntamente com seus filhos. Os voluntários também são incentivados pela supervisora a facilitar a interação entre as crianças, e também a respeitar caso a criança queira brincar sozinha.

Todos os dias a supervisora anota os nomes das crianças que estão na Brinquedoteca, assim como os nomes de seus responsáveis (que não necessariamente estão neste espaço). Ela o faz como forma de controle, o que torna possível verificar quantas crianças participam e são beneficiadas com o trabalho da ONG. Também há um caderno para a frequência dos voluntários, alunos da UNICAMP que estão lá por conta da disciplina de Trabalho Comunitário, e estagiários, devendo anotar o horário de chegada e saída.

Além das atividades já citadas que são desenvolvidas na Brinquedoteca, toda quarta-feira uma voluntária oferece atividade de Artes, e duas vezes por semana na parte da tarde, os palhaços estão no hospital para o trabalho nos leitos, porém ficam alguns minutos também com as crianças que estão na Brinquedoteca.

Devido aos horários estabelecidos no hospital, as crianças ficam neste espaço até serem chamadas pelos profissionais da saúde, podendo retornar em seguida, ou não. Cerca de 16:40 as crianças são avisadas que em poucos minutos a Brinquedoteca irá fechar, e são solicitadas pelos voluntários a ajudarem na organização do espaço (sempre levando em consideração o estado clínico de cada uma). A maioria prontamente ajuda a guardar os brinquedos, e demonstram estar felizes na execução.

É necessário destacar que algumas crianças não podem sair dos leitos, portanto não frequentam o espaço da brinquedoteca. Mesmo não sendo o foco deste trabalho, é importante ressaltar que essas crianças também possuem o direito ao brincar, sendo essencial ter um trabalho lúdico para estes nos leitos. A ONG também pensa em atividades lúdicas que possam ser realizadas por essas crianças e seus familiares, além disso, os palhaços passam em todos os quartos, trazendo momentos de alegria e descontração para estes.

É importante conhecer e compreender essa dinâmica do hospital, pois em decorrência disso a rotatividade de crianças é muito grande. Isso difere, por exemplo, de um Hospital de Câncer como o de meu trabalho voluntário, em que o tratamento de forma geral é mais extenso (podendo durar anos), e assim as mesmas crianças retornam ao hospital por diversas vezes, e as que frequentam a Brinquedoteca não necessariamente estão internadas, pois podem estar esperando para consulta ou para tratamento quimioterápico.

É essencial refletir sobre estes aspectos da rotina vivenciada pela criança no hospital, bem como estar sensível ao caso clínico de cada uma, e à maneira que enfrentam a hospitalização, pois em decorrência disso as formas de atuação serão diferenciadas, buscando satisfazer as necessidades de cada criança.

### **3.3. Práticas de Aprendizagem e seus efeitos**

Para a realização das observações na Brinquedoteca Hospitalar, partiu-se do princípio de que este espaço foi criado para atender as necessidades do público a qual é destinado, e desta forma, é necessário entender que “a Brinquedoteca não existe para distrair as crianças.

Sua missão é bem maior; tem a ver com a formação do ser humano integral e o período de vida no qual ele está inserido.” (CUNHA, 2011, p.123).

As crianças que estão hospitalizadas estão passando por um momento muito delicado de suas vidas, momentos que ficarão marcados em sua memória. Reiterando, é essencial conhecer essa realidade na qual a brinquedoteca está inserida, pois as formas de atuação variam de acordo com o público atendido, e as necessidades serão outras, porém um aspecto é certo, o brincar aparece como umas das possibilidades para o enfrentamento da hospitalização. Em minhas visitas ao hospital me centrei nestas questões, para verificar em que medida este espaço realmente traz benefícios para crianças, entre quatro a oito anos, auxiliando-as na aprendizagem, não restrita à escolar.

Em minha primeira visita à Brinquedoteca Hospitalar, percebi um grande enfoque ao brincar como passatempo, ou seja, um brincar visto por pais e profissionais mais como ocupação do tempo não preenchido, solução para o ócio.

Com isso, percebi um brincar sem muita intervenção ou mediação dos adultos brinquedistas a fim de maximizar os benefícios desta atividade, tanto à aprendizagem como efeito terapêutico. Com esta afirmação não estou desconsiderando o brincar com este objetivo e sua importância, porém com base na literatura estudada, procuro pensar que o brincar neste contexto pode ir muito além, atingindo objetivos maiores que favoreçam este público.

Um episódio ocorrido logo nas primeiras visitas mostra essa visão do brincar ligada à ocupação do tempo:

Um pai trouxe sua filha de seis anos para a brinquedoteca enquanto ia para outro lugar do hospital.

A criança pediu para a voluntária desenhos para pintar, e neste momento o pai fala para ela e para mim:

- Esse é um ótimo remédio para o tempo ocioso. (Diário de Campo, 18 de Julho de 2012, p. 20).

Esta é uma visão que está muito atrelada ao senso comum, de que o brincar serve para ocupar o tempo, aquele tempo que está sobrando, que não está preenchido com algo útil. Muitas vezes isso se dá por falta de conhecimento e divulgação da importância do brincar para o desenvolvimento humano, bem como do espaço destinado a essa atividade. O brincar é algo que deve ser priorizado às nossas crianças, deve ser visto como algo que constitui a formação do ser humano, sendo dedicado assim um bom tempo para esta atividade.

Aos poucos, por meio das observações e entrevistas, fui percebendo que os profissionais/brinquedistas que atuam com as crianças tinham uma noção (mesmo que às

vezes um pouco superficial) da potencialidade do brincar para as crianças hospitalizadas. Percebi que estes desempenhavam funções que proporcionavam momentos de aprendizagem no coletivo e por vezes possibilitavam expressão de sentimentos, porém não de forma intencional ou consciente, não priorizando estes aspectos.

Acredito que o treinamento que se iniciará com estes ampliará este conhecimento, com o real entendimento das funções deste espaço no hospital, trazendo assim melhorias para a atuação de todos. É essencial saber aonde se quer chegar e qual objetivo a brinquedoteca pretende assumir, para assim traçar caminhos que vão em direção a isto.

De forma geral, um aspecto que a ONG Hospitalhaços atenta, principalmente a supervisora voluntária que atua todos os dias na Brinquedoteca, é a socialização das crianças, pois através do incentivo à brincadeira coletiva busca favorecer a interação das crianças de diversas idades. A supervisora preocupa-se em ir aos leitos, convidando todas as crianças que podem sair para se dirigirem à brinquedoteca para a execução de alguma atividade.

Com isso, percebe-se que a ONG parte da ideia de que estes espaços se constituem em espaços coletivos, que favorecem a socialização e troca de experiências entre as crianças, familiares e profissionais da brinquedoteca, ou seja, é um espaço que se torna referência no setor da Pediatria para a interação social. Esta por sua vez, segundo Vygotsky (1989, p. 61) citado por Ratner (2002), “produz, realmente, processos psicológicos novos, elaborados e avançados, que não estão ao dispor do organismo que funciona isolado.” (p.38).

Assim sendo, a Brinquedoteca no hospital possibilita que a criança aprenda, por meio da interação com crianças e adultos que estão ao seu redor e que também frequentam este espaço. Assim o aprendizado se torna coletivo, o que não acontece quando a criança fica sozinha em seu leito/quarto.

No momento em que as crianças estão na Brinquedoteca, podem escolher jogos e brincadeiras que envolvam mais crianças e adultos, porém, ao chegarem neste espaço, algumas ficam mais tímidas e receosas de interagirem com as demais pessoas que ali se encontram. Em decorrência disso, o ideal é que a interação seja motivada por todos os profissionais brinquedistas, contudo, na prática verifiquei que este aspecto é mais valorizado pela supervisora da Brinquedoteca, que tem maior proximidade com as crianças.

A seguir, será apresentado e discutido sobre algumas atividades mais executadas na Brinquedoteca pelas crianças, que possibilitam a interação e aprendizagem. São estes, **jogos e atividades artísticas**.

## JOGOS:

Em todas as visitas, notei que muitas crianças preferiam alguns jogos, sugerindo este para os profissionais da Brinquedoteca. É notável que alguns são mais bem aceitos pelas crianças observadas, como quebra-cabeça, jogo da memória, UNO, e LINCE. É interessante ressaltar que estes jogos possibilitam a interação entre diferentes idades, ou seja, crianças e adultos participam ao mesmo tempo e se divertem. Estes, principalmente jogo da memória, UNO e LINCE, necessitam de no mínimo duas pessoas para jogar, aliás, ficam mais divertidos à medida que se tem mais pessoas.

Constatei que estes jogos mais solicitados pelas crianças permitiam a aquisição de diversos conhecimentos que coincidem até mesmo com o escolar, o que se torna relevante ao considerarmos que as crianças sujeitos da pesquisa (entre quatro a oito anos) se encontram ausentes temporariamente do ambiente escolar devido à doença.

A seguir se discutirá quais conhecimentos são estes oportunizados pelo brincar, porém para que haja maior compreensão, é necessário apresentar primeiramente o funcionamento destes jogos. As regras são as seguintes:

### UNO



O jogo é composto por 108 cartas. Cada jogador recebe sete cartas, uma carta é virada e colocada ao centro para dar início ao jogo, e o restante fica em um monte virado para baixo. Um jogador por vez deve jogar uma carta, que deverá ser da mesma cor ou do mesmo número (que não necessita ser da mesma cor). O objetivo do jogo é ser o primeiro jogador a eliminar

todas as cartas da mão, e para isso, os jogadores devem pensar em formas e estratégias dos outros jogadores perderem.

Ao jogar a penúltima carta, o jogador deve dizer em voz alta “UNO”. Se não disser deverá comprar duas cartas do monte.

O jogo possui algumas cartas especiais, que todos querem tirar, pois podem mudar totalmente o rumo do jogo: carta de +2 (que faz o jogador seguinte comprar duas cartas do monte, e perder sua vez de jogar); carta de inversão (inverte o sentido do jogo, do horário para anti-horário); carta de bloqueio (o jogador seguinte perde a vez); carta curinga (pode ser jogada durante qualquer momento do jogo em cima de qualquer carta, e o jogador que jogou escolhe a cor do jogo); carta curinga +4 (também pode ser jogada em cima de qualquer carta, fazendo o jogador seguinte comprar quatro cartas do monte, e perder sua vez de jogar).

Neste jogo muitas pessoas acrescentam alguma regra diferente, ou seja, cada grupo de amigos em diversos contextos criam suas próprias regras (que não são necessariamente as regras que acompanham o jogo).

Sendo assim, sempre que as crianças e brinquedistas iniciavam o jogo, havia algum conflito decorrente da regra, pois cada criança trazia um elemento diferente praticado com seus amigos fora do hospital. Dessa forma, sempre no início do jogo, o brinquedista negociava com as crianças qual regra iriam seguir naquela rodada. Este momento inicial era sempre de grande socialização, troca e verbalização, a fim de estabelecerem uma regra que agradasse a todos.

O UNO está fortemente baseado na ‘sorte’ de tirar as melhores cartas, ou seja, as que fazem os adversários ‘comprar’ mais cartas, e assim impedir que estes ganhem o jogo. No entanto, através de estratégias e jogadas pensadas, os jogadores podem mudar o rumo do jogo. Como exemplo, pensaremos em uma situação: Determinado jogador está somente com uma carta na mão, e prestes a ganhar o jogo, porém o jogador precedente a ele, verificando ser este o momento adequado, joga a carta ‘+4’ o fazendo retirar mais quatro cartas, impedindo ou adiando assim a vitória do primeiro.

Além de possibilitar a interação, este jogo auxilia no desenvolvimento da concentração; reconhecimento das cores e números; raciocínio lógico; resolução de problemas matemáticos, com adições simples. Com isso, sem que se perceba as crianças estão adquirindo diversos conhecimentos essenciais para o seu desenvolvimento.

## LINCE



Cada jogador recebe três fichas com figuras que estão no tabuleiro (há muitos desenhos). Estas peças devem ficar viradas para baixo até o sinal. Ao virarem as cartas em ‘3, 2, 1’, todos devem localizar as figuras de suas três fichas no tabuleiro, e aquele que localizar primeiro deverá dizer “LINCE”. Cada jogador fica com as fichas que conseguiu localizar e pega três novas fichas. O ganhador será aquele que ao final de todas partidas estiver com mais fichas.

Este jogo permite a aprendizagem e desenvolvimento das crianças, ao possibilitar o exercício da concentração; percepção visual a partir do reconhecimento das figuras, cores e formas; memória; noção espacial; e resolução de problemas matemáticos, por meio da contagem das peças.

Tanto o UNO quanto o LINCE, se tornam importantes por suas regras simples, e por apresentarem uma grande aceitação por parte das crianças, agradando também jovens e adultos de ambos os sexos.

Por meio da interação e regras dos jogos, as crianças aprendem a esperar a sua vez; a respeitar a vez do outro; valores como respeito, tolerância; aprendem a respeitar as regras

estabelecidas coletivamente, aprendizados estes essenciais para a vida no coletivo. Assim sendo:

Brincando, irão descobrir que as regras são parte do jogo e que as normas servem para facilitar a convivência. A educação informal, como é exercida na Brinquedoteca, provoca transformações profundas porque acontece naturalmente. As formas de convivência democrática encorajam a autonomia e estimulam o amadurecimento emocional. (CUNHA, 2011, p.89).

### **QUEBRA-CABEÇA**



Originado em 1760, quando os fabricantes de mapas colaram estes em madeiras e depois os cortaram em pedaços pequenos, o quebra-cabeça agrada a todos, independente de idade e sexo. Na Brinquedoteca Hospitalar sempre se via crianças e adultos montando quebra-cabeças, com peças grandes e pequenas, com diversos temas e assuntos.

Além de entreter e distrair, este jogo de grande aceitabilidade traz muito mais benefícios, garantindo aprendizagem e desenvolvimento, não restritos à infância, que serão destacados a seguir:

- Desenvolvimento das habilidades de concentração, noção espacial, percepção visual (cores, formas, tamanhos), memória, lógica raciocínio. Além disso, oportuniza o conhecimento e curiosidade por diversos assuntos, que são temas dos quebra-cabeças. Por exemplo, na Brinquedoteca observada há quebra-cabeças com temas de filmes infantis, mapa geográfico, crescimento das plantas, paisagens. Há de vários tamanhos, com número variado de peças.

- Habilidades de organização: das peças por cores, das bordas. Esta organização inicial possibilita maior facilidade na montagem.
- Auxilia na capacidade de resolução de problemas e exercício da paciência. Através de tentativa e erro, as crianças são incentivadas a persistirem.
- Desenvolvimento de habilidades motoras: através do manuseio das peças de diferentes tamanhos tentando encaixá-las, as crianças podem adquirir maior firmeza nas mãos.

Este jogo pode ser executado somente por uma pessoa, porém quando realizado coletivamente possibilita a troca, a socialização, cooperação e o senso de trabalho em equipe por um objetivo comum. Na montagem coletiva, os participantes podem dar dicas uns para os outros, incentivando a aquisição das habilidades citadas acima.

O ideal é que o brinquedista pense na faixa etária da criança e em seu desenvolvimento, propondo um quebra-cabeça que seja adequado a esta, que não seja fácil nem difícil demais, para não desanimar ou desmotivar.

### **JOGO DA MEMÓRIA**

Por fim, serão apresentados alguns benefícios para a aprendizagem estimulados a partir do jogo da memória, que como dito, é um dos preferidos das crianças observadas.

Além de incentivar o desenvolvimento da memória, este jogo permite a identificação das figuras, reconhecimento de cores e formas, desenvolve a localização espacial, raciocínio, concentração e percepção, incentiva a resolução de problemas matemáticos simples (adição), através da contagem final das cartas, comparação quantitativa. Assim como o quebra-cabeça, o jogo da memória apresenta uma diversidade de temas, instigando a curiosidade da criança ao conhecimento destes. Na prática investigada, as crianças escolhiam o jogo de acordo com seus interesses, os meninos preferindo temas como carros, e as meninas turma da Mônica ou princesas.

Outros jogos que a ONG possui e que as crianças em algum momento utilizaram, porém não eram tão requisitados foram: dominó e bingo de figuras. A ONG possui mesmo maior variedade de quebra-cabeças e jogos da memória.

Em todos estes jogos, destaca-se a importância do brinquedista na aquisição de aprendizagens (que será discutida no tópico, 3.5), que atuará como mediador,

potencializando a atividade do brincar. Porém não devemos nos esquecer da importância da relação criança-criança, pois estas criam conhecimento juntas e se organizam na interação social.

Presenciei um episódio em que três crianças de idades diferentes jogavam videogame, sem a orientação/supervisão de um adulto. Observei à distância, e percebi que a disputa para ser o próximo jogador era grande, mas aos poucos eles mesmos foram encontrando formas de se organizarem, estabelecendo uma ordem para o revezamento no jogo.

Estes momentos em que as crianças se relacionam de forma independente devem também ser valorizados e oportunizados, à medida que “nas brincadeiras iniciadas e mantidas pelas crianças, há evidências de aprendizagens espontâneas, significativas, construídas em um processo improdutivo, incerto, mas que possibilita explorações, relações, afetividade e expressão de representações infantis.” (VECTORE e KISHIMOTO, 2001, p. 60).

### **ATIVIDADES ARTÍSTICAS:**

Como já dito, uma vez por semana uma voluntária formada em Artes Plásticas vai à brinquedoteca, elaborando uma atividade por semana para as crianças pais, e demais pessoas que estejam ali e se interessem. Ela traz diversos materiais como: sucata, canetinhas, lápis de cor, giz de cera, cola colorida com glitter, cartolina, papel crepom, palitos, moldes para desenhos, tinta guache, etc.

Logo que ela chega, as crianças são chamadas (até mesmo as que estão nos leitos) para realizar a atividade caso queiram. Muitos pais logo perguntam: “Eu também posso fazer?”, e a resposta é sempre afirmativa. Todas as pessoas, independente da idade são incentivadas a participarem.

A preparação das atividades exige tempo e dedicação da voluntária, que pensa em cada detalhe antes da elaboração. Um dos aspectos essenciais para se pensar é sobre a rotina e dinâmica da criança no hospital, pois esta precisa respeitar horários (do remédio, exame, consulta no leito, banho, lanche, entre outros), e assim a qualquer momento sua atividade/brincadeira poderá ser interrompida. Além disso, por conta da doença algumas crianças podem se cansar com mais facilidade.

Com isso, é necessário pensar em atividades que respeitem essa dinâmica, e que permitam que a criança elabore e crie ao máximo. Pensando nestas questões, a voluntária elabora atividades mais rápidas, adiantando previamente o que for possível, e assim as crianças conseguem concluir sua arte. Ao final, cada criança tem algo produzido por ela

mesma (e geralmente querem mostrar para todos: profissionais, familiares, outras crianças), o que gera entusiasmo e fortalecimento de sua autoestima.

Essas atividades envolvem crianças, pais, e até mesmo outros profissionais (como profissionais de transportes que aguardam até o final do dia para retornarem com pacientes até cidades próximas). Todos sempre demonstraram grande interesse e vontade de fazer, e principalmente, de estarem ali na brinquedoteca. Os pais sempre elogiam a criatividade da voluntária, valorizando assim seu trabalho e dando ânimo para a continuidade deste.

Em um momento de uma atividade artística, uma mãe elogiou o trabalho da voluntária, e contou que sua filha (que tem cinco anos) estava pedindo cola glitter há vários dias, e por coincidência a atividade proposta para a semana foi com cola glitter, vindo ao encontro dessa vontade da criança.

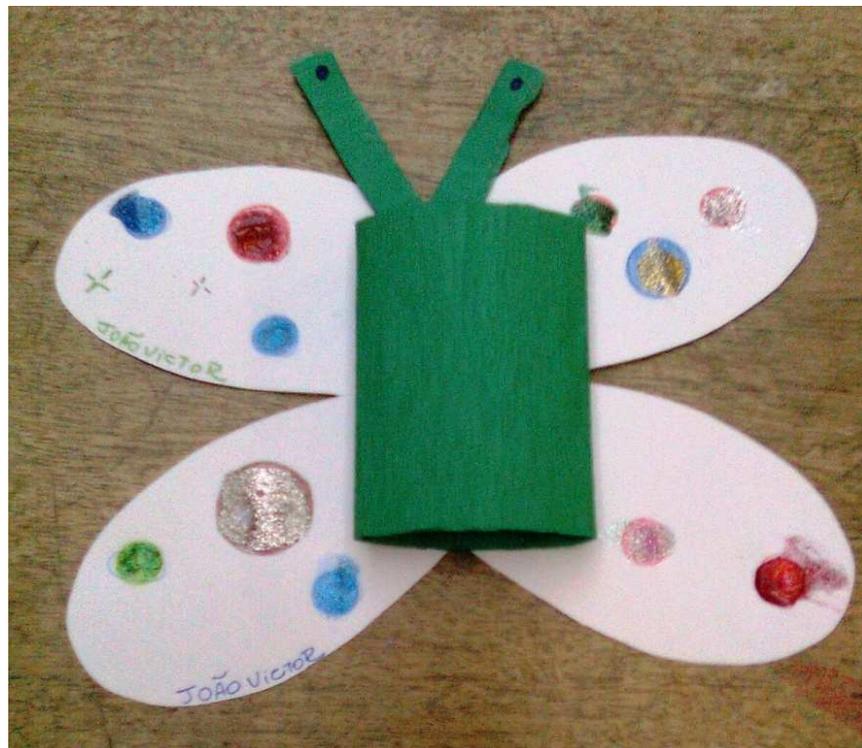
A mãe ainda disse que por conta da doença sua filha não está indo para a escola há dois meses, e que assim está sendo extremamente importante para ela executar essas atividades no hospital, que possivelmente seriam semelhantes às atividades que a criança teria em sua escola, considerando que esta criança estaria na Educação Infantil. As crianças sentem falta de atividades elaboradas para elas, o que geralmente ocorre na escola, e assim a brinquedoteca se torna um elo com a vida que esta tem fora do hospital, com sua rotina que foi interrompida.

Atividades como essa exercitam a criatividade, imaginação, a expressão da criança por meio de outra linguagem (a artística), a torna ativa, autoconfiante, a tirando da posição de incapaz e insegura, lhe dando o sentimento de que é capaz. É como se ela não estivesse no hospital. Esses aprendizados são essenciais para todas as crianças, elas demonstram tanto interesse que quando são chamadas por profissionais não querem ir, querem ficar ali na brinquedoteca.

A seguir, apresento algumas fotos de atividades propostas pela voluntária, executadas pelas crianças. Lembrando que todos que estão na Brinquedoteca podem participar, crianças e adultos.



Coruja feita com rolo de papel higiênico.



Borboleta feita com cartolina, rolo de papel higiênico encapado com papel crepom, e cola glitter colorida. As crianças escolhiam qual a cor do papel crepom, e como enfeitariam sua borboleta.



Gato feito com palitos de sorvete, colados com cola branca, e rabinho com pedaço de lã. Para a pintura foram dispostos canetinhas, lápis de cor e giz de cera.



Borboleta com base de cartolina, enfeitada com bolinhas de papel crepom.

No dia desta atividade, os voluntários fizeram bolinhas de diversas cores, e as crianças escolhiam de que maneira enfeitar. Além disso, a criança escolhia o que queria fazer, e a voluntária formada em Artes recortava o molde no momento.



Coração feito com bolinhas de papel crepom.

Em todo o momento da execução desta atividade, a criança dizia que estava fazendo de presente para o seu pai, que a iria visitar naquele dia.



Carrinho feito com bolinhas de papel crepom.

Conforme as crianças executavam as atividades de Artes, a maioria queria mostrar para os voluntários fazendo a seguinte pergunta: “Tá bonito?”. Os voluntários sempre diziam que sim, e elogiavam o esforço das crianças. Estas ficavam felizes com a atividade pronta, e sempre queriam mostrar, de forma animada, para todos que estavam na Brinquedoteca, para seus familiares, amigos, profissionais.

Todas essas aquisições e aprendizagens ocorridas neste ambiente se tornam de extrema importância para o desenvolvimento das crianças hospitalizadas, ainda mais considerando que estas precisam ausentar-se temporariamente da escola devido à doença. Assim este espaço no hospital desempenha a função socializadora, que na rotina habitual da criança é exercida pela escola, e os aprendizados oportunizados pela interação social perduram.

Porém constatei que alguns aspectos também importantes do brincar e desenvolvimento infantil não são explorados, como a habilidade teatral (através da disponibilização de fantasias, com as quais as crianças pudessem representar diversos papéis), musical, e contação de histórias. Apesar de possuir uma pequena estante com uma diversidade de livros infantis, não presenciei momentos em que os voluntários incentivaram a leitura entre as crianças, ou mesmo lessem para elas.

Por fim, cabe ressaltar que as crianças que frequentam este espaço estão internadas, e dessa forma estão submetidas aos horários estabelecidos pelo hospital. A maioria fica por um tempo, mas constantemente voltam para os leitos, ou porque estão cansadas, ou porque precisam tomar medicamento, lanche, banho, receber visitas, fazer exames. Devido a essa dinâmica do hospital, os momentos de brincadeiras na brinquedoteca são mais rápidos, e interrompidos por diversas vezes.

Com isso, várias vezes as atividades/brincadeiras são interrompidas no meio e a mediação e interação com outras pessoas sem ser de profissionais da saúde, são menores. Pensando nisso, percebe-se que cada momento na brinquedoteca é valioso e deve ser aproveitado.

Portanto, para se pensar em uma intervenção que garanta a potencialização dos benefícios do brincar e da brinquedoteca, é essencial conhecer a rotina da criança no hospital, pois como já dito, esta deve atender as necessidades da realidade do local em que está atuando, não esquecendo que neste momento a saúde da criança vem em primeiro lugar. Isso também se aplica ao pensarmos nos momentos de brincadeiras que visam algum aprendizado. Deve se intervir/mediar da forma mais objetiva, aproveitando cada momento em que a criança está lá.

### 3.4 Efeito Terapêutico Extensivo à Família

Para discorrer sobre a função terapêutica do brincar, devemos pensar que neste período em que as crianças estão internadas, por vezes lhe é tirado o direito de ser criança, de ser como é. Como consequência, o brincar não é priorizado, e ao invés disso, tratamentos invasivos, que causam dor, sofrimento se tornam frequentes, constituindo parte de sua rotina no hospital.

Em meio a isso, pode-se destacar que o brincar com este objetivo é um aspecto de grande importância para as crianças que estão hospitalizadas, pois visa o bem-estar físico e emocional destas, proporcionando a expressão de sentimentos e sensações em uma linguagem que lhes é própria, ou seja, a brincadeira. Permite também que estas tirem o foco da doença, auxiliando-as ainda na preparação para determinado procedimento ou intervenção médica (OLIVEIRA, 2008).

Cabe ressaltar que o brincar com esta função pode ser dirigido por um adulto, que proporcionará oportunidades e dará abertura para que ele ocorra. No momento de brincadeira será possível pensar na própria hospitalização, atribuindo-lhe um novo significado, e com isso, o brincar adquire dimensões bem sérias, por possibilitar o contato com os sentimentos mais profundos das crianças. É preciso cuidado e grande cautela, reconhecendo os efeitos desta brincadeira séria, pois:

O jogo é sério, é um instrumento de afirmação e é o melhor momento de equilíbrio na criança, assegurando a base de sua personalidade. E pensar que, em seus jogos, as crianças podem representar e experimentar vários papéis, fantasiando serem bichinhos, professores, médicos, mamãe, etc. Nesse processo, a criança pode expressar suas emoções e sentimentos por meio de gestos, que poderiam, de outro modo ou em certos momentos, ser proibidos. (ADAMUZ, BATISTA e ZAMBERLAN, 2000, p. 158)

Nas visitas à Brinquedoteca, busquei verificar em que medida o brincar com essa finalidade terapêutica estava ocorrendo, e de que forma os profissionais que atuam com as crianças em momentos lúdicos criam oportunidades para a efetivação desta dimensão da brincadeira.

Em conversa e entrevista com uma mãe, foi possível verificar de que maneira o brincar ameniza os efeitos da hospitalização para seu filho. Ele tem sete anos e desde o nascimento realiza seu tratamento neste hospital, e em decorrência disso, já foi internado por diversas vezes para os procedimentos médicos necessários. A mãe sempre o acompanhou, tendo que demitir-se de seu emprego para se dedicar exclusivamente a seu filho.

Segundo esta, é essencial haver um espaço como a Brinquedoteca no hospital, pois este atua como refúgio para a criança, à medida que neste momento de brincadeira a dor e o sofrimento deixam de ser o foco. A criança pensa em outras questões que extrapolam a doença, e isso possibilita o controle de sua ansiedade, de seu sofrimento, possibilitando uma melhor aceitação aos procedimentos médicos que serão ali realizados.

Além disso, a Brinquedoteca permite que a criança saia da posição de coitadinha, voltando a sentir o gostinho da infância. Permite que a criança saia do leito, se movimente, interaja com outras crianças e adultos, pensa assim em sua totalidade e permite que ela seja criança. Assim pode-se afirmar que este local humaniza o ambiente pediátrico, e auxilia no enfrentamento da doença.

Como discutido no tópico 2.3 “*A possibilidade de manifestação de sentimentos*”, por meio da brincadeira de faz-de-conta as crianças podem expressar aspectos presentes em sua realidade, tornando concretos sentimentos mais profundos advindos da hospitalização. Assim sendo, oportunizar instrumentos para que esta faceta do brincar se desenvolva é de grande importância para que se concretize esta forma de comunicação.

Em relação a este aspecto, apresento a seguir um episódio em que isto se efetivou na Brinquedoteca Hospitalar:

Observei uma mãe brincando com seu filho de quatro anos. Este pegou um kit de médico (brinquedo disponibilizado pela ONG) e dirigiu-se à mãe para “examiná-la”. Em seguida, pegou a seringa de brinquedo para “dar remédio” na veia. Neste momento, a criança tem oportunidade de representar sua própria situação, encontrando caminhos que levam a cura, como no caso de “dar o remédio”. Isto faz ainda mais sentido quando consideramos que:

A atividade da imaginação está estreitamente ligada com o movimento de nossos sentimentos. Com muita frequência, tal ou qual estrutura revela-se irreal do ponto de vista dos momentos racionais que servem de base para as imagens fantásticas, mas é real no sentido emocional. (VIGOTSKI, 2003, p. 124).

Presenciei outras duas situações semelhantes a essa, que apresentarei a seguir:

A primeira delas ocorreu em um momento que um dos palhaços da ONG se dirigiu à Brinquedoteca com uma seringa de brinquedo na mão. Este chegou perto de um menino de sete anos e apontou a seringa dizendo "me deixa tirar sangue"; o menino olhou assustado, porém o palhaço disse, "calma, não vai doer nada". Assim ele "tirou sangue" da criança, e também dos voluntários que estavam próximos, e em seguida, se direcionou a criança

novamente, e "injetou o sangue" nesta, dizendo que aquilo era pra sarar. Todos riram, inclusive a criança que a princípio estava com medo.

Em outra visita, um palhaço veio à Brinquedoteca novamente com a mesma seringa de brinquedo, e quis brincar com umas das crianças que no momento executava uma atividade de Artes proposta pela voluntária. Esta criança da mesma forma que a anterior ficou com medo, dizendo não querer brincar, assim o palhaço "injetou" primeiro em uma voluntária para mostrar, e disse à criança: "é só uma picadinha", então esta permitiu, porém um tanto receosa. Ele "retirou sangue" desta, que caiu na gargalhada, e pediu para o palhaço fazer o mesmo com o irmão que a estava visitando naquele dia.

Estas simples situações encobrem grandes significados, por possibilitar uma nova maneira de olhar para o processo de hospitalização, acarretando uma melhor aceitação ao tratamento pelo qual está passando, e à hospitalização em si.

Por fim, apresento um caso em que pude atuar diretamente com a criança em situação lúdica, e que o brincar propiciou o controle da ansiedade, amenizando os efeitos negativos causados pela hospitalização, como alterações do humor. Um de menino de cinco anos um pouco tímido e quieto deslocou-se à Brinquedoteca com sua mãe, e no momento não havia crianças neste espaço. Dirigi-me a ele interrogando-o se queria brincar comigo, e ele respondeu que sim.

Fomos junto até o armário, lugar em que ficam guardados os brinquedos da ONG, e permiti que ele escolhesse o que mais lhe agradara no momento; ele retirou do armário vários bonecos e bichinhos e quis sentar no tapete de EVA. Enquanto isso, sua mãe sentou-se em um banco próximo para conversar com a supervisora voluntária.

A criança colocou todos os bonecos e bichinhos no tapete de EVA, e sentamos ali. Perguntei para ele do que brincaríamos, e ele então iniciou a brincadeira separando primeiramente os bonecos em duas categorias: os do "bem" e os do "mal". Segundo ele, o objetivo do jogo era de que os do "bem" deveriam derrotar os do "mal", e à medida que eram derrotados se tornariam igualmente do "bem". O interroguei se os bonecos tinham nome, e motivado inventou no mesmo momento um nome para cada um.

Em toda a brincadeira eu perguntava o que iria acontecer na seqüência, ele pensava por um instante e logo inventava mais um detalhe para a brincadeira. No início, ele permaneceu mais reservado e quieto (o que eu atribui como sendo um aspecto de sua personalidade), "porém em alguns minutos ele foi se soltando mais, rindo mais" (Diário de Campo, 10 de Agosto de 2012, p. 38). A brincadeira finalizou-se no momento em que a

supervisora solicitou que guardássemos os brinquedos, pois a Brinquedoteca fecharia em poucos minutos.

Alguns minutos depois, a supervisora se dirigiu a mim dizendo que dialogando com a mãe desta criança, soube que na manhã deste mesmo dia ele estava no leito abatido, desmotivado até mesmo a brincar, devido à falta que sentia da escola e da convivência com seus colegas,

Porém, com o incentivo da mãe ele se levantou e foi à Brinquedoteca. Esta ficou impressionada com a mudança de humor que o brincar proporcionou para o seu filho, e com este sentimento elogiou o trabalho da ONG para a supervisora, dizendo o quanto era importante para ela vê-lo sorrindo novamente.

A partir deste episódio, podemos extrair diversos aspectos já citados no decorrer deste trabalho, e que se tornaram possíveis neste espaço. Primeiramente em relação à aprendizagem, podemos dizer que ao brincar esta criança, inventando cada detalhe da história, pôde exercitar sua imaginação e criatividade, além disso, oportunizou a expressão e verbalização. Em relação ao efeito terapêutico, foi perceptível (principalmente para a mãe), como o brincar permitiu que a criança tirasse o foco do momento triste pelo qual passava, e como isso acarretou mudanças positivas em seu humor.

A Brinquedoteca também permitiu o vínculo com uma das atividades que comumente ocorre na pré-escola (onde ele se encontra matriculado) e em sua casa, possibilitando a interação e convivência com outras crianças e adultos. São situações como estas descritas que servem de ânimo, incentivo e força para o trabalho que a ONG realiza nos hospitais.

Em todos os episódios citados, e nas atividades desenvolvidas percebe-se a presença dos familiares, especialmente as mães que se abstêm de trabalhar, para acompanharem seus filhos em toda a internação. Notei em diversos momentos, que este local é ocupado por estes adultos, sendo da mesma forma importante e benéfico.

Em conversas com algumas mães e por meio de observação, notei que é proibido visitar os outros quartos, ir aos outros leitos, e com isso, cada mãe/pai fica restrito ao quarto de seu filho, conhecendo somente o caso clínico de seu filho e da criança que está no mesmo quarto quando é o caso, considerando que há dois leitos em cada quarto.

Sendo assim, Brinquedoteca como espaço frequentado por pais/responsáveis das crianças, possibilita a socialização também para estes, além de constituir-se em lugar de descanso, distração, conversa e troca de experiências.

Ali mães também tiram o foco da doença, se distraem e refletem sobre outras questões. Por ficarem restritas à enfermidade de seu filho, estas podem tornar-se mais ansiosas, e

transmitir este sentimento para seus filhos. Porém ao ouvirem outras histórias e experiências notam que outras pessoas estão passando por situações semelhantes a sua.

Para finalizar este tópico de observações e interações, ressalta-se que nestas questões observadas e analisadas, encontramos a ideia de no período em que a criança está hospitalizada é possível pensar em sua totalidade enquanto ser humano, entendendo “que a criança não é apenas um corpo doente. A criança concreta, que está atualmente internada em um hospital, tem um nome e, portanto, possui uma história que a faz singular.” (BULGACOV, CAMARGO e SOUZA, 2003, p. 102 e 103). Este trabalho que vem sendo realizado no hospital é que podemos chamar de Humanização Hospitalar, que dá espaço para outras facetas do ser humano, envolvendo suas emoções e sentimentos.

### **3.5 A Prática do Brinquedista na Brinquedoteca Hospitalar**

A partir destas práticas observadas na Brinquedoteca Hospitalar, podemos refletir sobre a atuação do brinquedista/educador que atuará diretamente com as crianças, e qual a sua importância para o desenvolvimento de todas as atividades que serão ali desenvolvidas, considerando que “... a participação do adulto pode enriquecer e dar prestígio à brincadeira.” (CUNHA, 2011, p. 76).

Estes, reconhecendo o direito da criança ao brincar, atuarão muito mais que companheiros de brincadeira, pois serão mediadores junto às crianças, dando a oportunidade para que esta atividade se torne possível, considerando que:

Ao educador lúdico, compete oferecer brinquedos e brincadeiras variadas, com as quais a criança experimenta sua sensorialidade, motricidade e inteligência, como livros infantis, jogos de construção, lógicos, motores, de inventividade e de criatividade, bem como bonecos e acessórios fantásticos. (FORTUNA, 2008, p. 41).

Deve-se destacar que os materiais que a Brinquedoteca da ONG dispõe são provenientes de doações, ou adquiridos com a verba arrecadada por meio de eventos como bazar e bingo. Assim sendo, a ONG é dependente disso para dispor uma variedade de brinquedos para as crianças, pensando em formas de atuação com o que de fato possuem.

Sempre ao chegar ao Hospital, a supervisora que atua neste local todos os dias, demonstrando comprometimento com o que faz, percorre os quartos convidando as crianças para irem à brinquedoteca. Ela as chama de maneira animada, incentivando que utilizem este

espaço idealizado para elas. Sempre pergunta o que desejam fazer, do que querem brincar, e se, por exemplo, querem um quebra-cabeça, ela seleciona algum que atinja a idade e nível de desenvolvimento da criança, para que o jogo não seja muito fácil a ponto de desanimar, e nem tão difícil para não frustrar.

Porém na prática, este papel de seleção de jogos é realizado somente pela supervisora da Brinquedoteca, já os alunos da eletiva que atuam como voluntários neste espaço demonstraram não se atentar para estas questões do desenvolvimento da criança, o que pode ser resultado da falta de treinamento prévio, que como dito a ONG está buscando solucionar.

Em minhas visitas, presenciei que a maioria dos voluntários são estudantes de diversos cursos da UNICAMP, que estão lá por conta de uma eletiva de Trabalhos Comunitários. Com isso, notei que alguns não possuem um conhecimento aprofundado sobre o brincar e desenvolvimento infantil, essenciais para o trabalho na brinquedoteca.

Além disso, o ideal proposto pela ONG é de que todos os profissionais da Brinquedoteca incentivem a interação entre as crianças, porém em algumas situações estes alunos que desempenham papéis de voluntários não executam o que é recomendado, permanecendo em momentos com apenas uma criança, enquanto há várias crianças transitando por este espaço.

Visando garantir maior conhecimento, a ONG atualmente tem pensado e discutido sobre questões referentes a reestruturações das brinquedotecas que administram, buscando melhorias através dos treinamentos que acontecerão mensalmente para os candidatos a voluntários. O primeiro passo é a transmissão de informações básicas referentes ao ambiente hospitalar e como agir diante de crianças hospitalizadas e seus familiares.

Além disso, a ONG passou a propor competências básicas que os brinquedistas deverão ter, que são: percepção, empatia, comprometimento, iniciativa, preparação, segurança na ação, maturidade, postura, coragem, cooperação, resistência à frustração, automotivação, entusiasmo, relacionamento intra e interpessoal, autocontrole, confiabilidade e ética. Estas qualidades visam um atendimento de qualidade às crianças, pois consideram que “o mau brinquedista pode fazer mal à saúde”.

Por isso, é essencial que busquem sempre o conhecimento e aperfeiçoamento, através de cursos e leituras que discutam sobre o assunto. É essencial também que os brinquedistas tenham conhecimento sobre o desenvolvimento das crianças, que compreendam a realidade e o ambiente em que estão inseridos no momento, que estabeleçam um relacionamento de amizade e diálogo, sendo acessível às crianças, dando-lhes liberdade e abertura, que permitam

e que favoreçam a aprendizagem, a cooperação, o respeito mútuo e a expressão de sentimentos.

Em relação a alguns destes aspectos, notei que assim como a supervisora que está todos os dias com as crianças, os voluntários, que vão cerca de duas vezes por semana, interagem de forma positiva com estas. Logo que chegam ao hospital são recebidos calorosamente pelas crianças, que já vão sugerindo jogos para brincarem. Isso mostra que as crianças os reconhecem como companheiros e amigos de brincadeira, e o quanto se sentem à vontade com estes. As crianças se relacionam bem com os funcionários/voluntários da brinquedoteca, brincam, conversam, riem junto. Nota-se o relacionamento de respeito, carinho, atenção, amizade, estabelecido entre estes e as crianças.

Estes, ao atuarem como mediadores, deverão pensar na realidade da criança naquele momento e assim em formas de atuação que mais convém. Deve deixar que a criança se sinta o mais livre possível, respeitando seu ritmo de brincadeira, permitir que façam suas próprias escolhas e que possam agir de forma independente, pois é ela que será o agente ativo da brincadeira.

Assim, o não querer brincar deve ser respeitado, como o querer brincar sozinho, que também se torna importantes para a criança, à medida que “ocasiões em que a criança fica a sós consigo mesma e com seus brinquedos podem ser tranquilizadoras, pois podem ajudá-la a organizar seu mundo interno e compreender a realidade que a cerca.” (FORTUNA, 2008, p. 41).

Algumas crianças na realidade observada, ao serem convidadas para brincarem com os voluntários, se negam a entrar em alguma atividade dirigida por estes. Os voluntários insistem, mostrando quantos jogos interessantes há, e quando mesmo assim a criança continuava a negar-se, respeitavam esta decisão e a deixavam livre. Às vezes isso é frustrante para o brinquedista/voluntário, que com muito boa vontade se dispôs a estar lá, porém é preciso respeitar e entender o momento em que estão passando no hospital, e que cada criança reage de uma maneira diferente.

Porém, pensando na Brinquedoteca como um espaço de socialização, um importante aspecto deve ser considerado pelo brinquedista: a interação criança-criança. Certamente a presença do adulto na brincadeira poderá trazer grandes benefícios, porém é imprescindível que haja interação entre as crianças de forma espontânea, tendo em vista que:

As interações criança-criança consistem em uma parte fundamental da brincadeira. Uma das atribuições do educador lúdico é fomentá-las, apresentando companheiros de brincar e aproximando crianças com interesses comuns. Elas podem ter algo mais em comum, além de estarem doentes. Ao compartilhar brinquedos e brincadeiras, experimentam a identidade lúdica. (MODA, 2006, p. 28).

A partir desta citação, percebemos que mesmo ausente fisicamente em uma circunstância do brincar, o brinquedista ainda continua a atuar, trazendo muitos benefícios para as crianças. Muitas vezes por timidez, as crianças se isolam em seus brinquedos, mas ao serem incentivadas a brincarem juntas se tornará possível a interação entre estas, farão amizades, compartilharão experiências comuns de vida.

Por fim, para ressaltar a importância destas pessoas que atuam diretamente com estas crianças, ou seja, a supervisora, voluntários, e palhaços, apresento a seguir um episódio que retrata uma situação em que há a ausência de qualquer brinquedista:

Cheguei à Brinquedoteca por volta das 14:00 horas, porém não havia ninguém da ONG no pátio em que esta funciona. Sentei-me em um dos bancos que ficam ao redor e esperando alguém chegar, ao mesmo tempo em que observava como as crianças e seus pais que ali estavam agiam quando a brinquedoteca não está funcionando. Fiquei por cerca de 40 minutos somente observando:

Quando cheguei, havia duas crianças com suas mães. O local onde a ONG guarda seus brinquedos (armários localizados ali no pátio) estava fechado com cadeado, porém as motoquinhas, a casinha e alguns brinquedos estavam à disposição. Essas duas crianças brincavam com esses brinquedos, porém sem muita opção de escolha. (Diário de Campo, 24 de Julho de 2012, p. 29).

Constatei que a brincadeira assim era solitária, pois as crianças que estavam lá e suas mães não interagiam. As crianças desistiam rápido dos brinquedos que estavam disponíveis (além das motoquinhas, casinha, tinha algumas bonecas), e em poucos minutos as duas entraram para os quartos, mesmo sem ninguém chamar, e o espaço em que funciona a brinquedoteca ficou sem nenhuma criança.

O presenciado neste dia foi bem diferente dos outros em que havia mais crianças no pátio, e quando solicitadas a entrarem para os quartos resistiam. Em outros dias, as mães me disseram que no domingo, o único dia em que a ONG não vai para o hospital, as crianças sentem muita falta de terem com quem brincar, sentem falta dos palhaços e voluntários da brinquedoteca.

Por conseguinte, esse episódio me fez pensar na importância dos brinquedistas para o funcionamento desta brinquedoteca, o que também é reconhecido pelos pais. Em uma visita

anterior, um pai entrevistado me disse que sua filha estava internada em outro hospital da cidade de Campinas, que possui uma salinha com alguns brinquedos, porém não tem pessoas “para orientar, para brincar junto”, o que segundo ele é de grande importância.

Disse ainda que sua filha, que já havia ficado internada no Hospital de Clínicas há um tempo, sentia falta dos voluntários para brincar, e que a filha gosta tanto da brinquedoteca da ONG que quando está nela não quer ir embora, reluta para sair de lá.

Portanto, não basta possuir uma sala com brinquedos para que esta possa ser chamada de brinquedoteca, é preciso de profissionais, devidamente reconhecidos e qualificados para impulsionar o trabalho do brincar no hospital. Pois o brinquedista incentiva a brincadeira, motiva a criança a brincar, é parceiro da criança, orienta e media as atividades que serão ali realizadas. Esta visão de mediação apresentada segue a linha vygotskiana, já discutida no capítulo 2 deste trabalho, em que:

[...] orientado e regulado pelo outro, o sujeito investe esforços na tarefa de entender e dar sentido a objetos e fatos da sua realidade e, a partir desta dinâmica, passa a se auto-regular, a ter domínio sobre suas ações e escolhas. O processo de interação e de mediação assume, nesta perspectiva, papel e função primordial no desenvolvimento dos indivíduos e na organização da vida em sociedade. (SOUZA e ROSSO, 2011, p. 5896).

Essa situação fez-me pensar também na importância da disponibilidade de diversos brinquedos e atividades lúdicas para as crianças, permitindo assim que estas escolham o que mais lhes agrada no momento, pois a falta de opção com o que brincar pode ocasionar o desinteresse da criança. Nem sempre está disposto a brincar com qualquer coisa, ainda mais considerando o caso deste público, que está passando por um momento de maior fragilidade.

De forma geral, este profissional que atua diretamente com as crianças hospitalizadas em situações de brincadeira, deverá deixar disponível esta diversidade de brinquedos e atividades lúdicas, dando liberdade de escolha, sabendo ouvir e considerar as opiniões das crianças. Deve acima de tudo encarar o brincar com muita seriedade, buscando constante aperfeiçoamento para sua prática.

## CAPÍTULO 4 – A BRINQUEDOTECA SEGUNDO PAIS E VOLUNTÁRIOS

Neste capítulo serão discutidas as entrevistas realizadas com pais/responsáveis e com profissionais voluntários que atuam na brinquedoteca, que tiveram como objetivo principal obter dados sobre a visão destes em relação a este espaço idealizado para as crianças hospitalizadas.

As perguntas feitas para três pais focaram aspectos gerais da importância da Brinquedoteca, ou seja, buscou analisar em que medida consideram este espaço como importante e benéfico para seus filhos, onde se encaixa também a questão do efeito terapêutico. A seguir para a análise, foram escolhidas as questões 1, 2, 4 e 5 (o questionário na íntegra encontra-se em Anexo).

Já as questões realizadas com profissionais voluntários também consideraram estes aspectos gerais sobre a importância da Brinquedoteca, porém abrangeram questões referentes ao objetivo deste espaço e a aprendizagem, para verificar em que medida estes reconhecem esta faceta do brincar no hospital.

A seguir serão apresentadas as questões realizadas com os pais e suas respostas, e posteriormente estas serão analisadas de acordo com a proposta deste trabalho.

<b>Questões</b>	<b>Responsável 1</b>	<b>Responsável 2</b>	<b>Responsável 3</b>
<b>1. A brinquedoteca traz benefícios para a criança enquanto essa permanece no hospital e/ou período de tratamento? Se sim, quais?</b>	Com certeza. Meu filho passa por dores devido às cirurgias, e o momento em que ele está na brinquedoteca ele pode esquecer-se dessas dores, desfocar, sendo assim um lugar de refúgio. No momento em que ele está lá, ele até esquece que está no hospital.	Sim. Ajuda na recuperação das crianças, traz alegria.	Sim. Traz alegria, descontração, alívio. No momento em que ela está na brinquedoteca ela se esquece da doença.
<b>2. Como a criança se comporta diante deste espaço destinado para ela?</b>	Meu filho fica alegre, volta a ser a criança que ele realmente é, pois na brinquedoteca ele tem a oportunidade de ser criança. É como se pra ele este espaço não representasse o hospital, e sim uma escola, um lugar de lazer. Além disso, eu saio do quarto, me distraio. No final de semana ele sente falta da	Ele fica alegre, animado. Não quer nem voltar para o quarto.	A criança fica feliz, nem quer mais entrar para o quarto.

	brinquedoteca, de pessoas para brincar e para se distrair.		
<b>4. Este espaço se torna importante para os adultos que acompanham a criança? De que forma?</b>	Dá a possibilidade de os pais saírem do quarto, distrair. Acho que este é um espaço dos pais, como também das crianças. Nele temos a oportunidade de interagir com outras mães, conhecer outras histórias, trocar experiências. Ficando nos quartos isto não é possível, pois não se pode entrar nos outros quartos.	Sim. Distrai, dá um pouco de descanso para os pais enquanto seus filhos estão brincando.	Sim. É bom para interagir com outras pessoas, com outros pais.
<b>5. Na sua opinião, qual o diferencial de um hospital que possui brinquedoteca em suas dependências?</b>	O diferencial são estes benefícios. A criança pode se sentir criança dentro do hospital, se esquecer do sofrimento que tem passado. Resumindo em palavras este espaço: Alívio; Terapia.	O que tem brinquedoteca se destaca. As crianças brincam, podem sair do quarto para brincar, tira a ansiedade e o nervosismo de ficar o deitado por conta da doença.	O hospital que tem se destaca do que não tem.

Em relação à primeira questão, percebe-se que os responsáveis das crianças entrevistados reconhecem que este espaço proporciona benefícios para estas enquanto se encontram hospitalizadas, trazendo alegria e esquecimento da doença, aspecto este associado ao brincar como efeito terapêutico, à medida que ajuda no controle dos sentimentos indesejáveis causados neste período (como ansiedade, raiva, tristeza), auxiliando assim na própria recuperação da criança.

As respostas da questão 2, também evidenciam este sentimento de alegria que a Brinquedoteca propõe para estas crianças. Estas se sentem tão a vontade neste ambiente que relutam para sair dele, pois já se apropriaram dele, e o tem como referência para brincar e ser criança como qualquer outra.

Há algo na resposta do responsável 1 importante de ser destacado, que também é discutido na quarta questão, o fato da Brinquedoteca trazer benefícios para ela mesma, ou seja, para pais e mães. Este espaço também se torna frequentado e assim importante para estes, pois ali podem executar as mais diversas atividades, como jogos, atividades de artes, ou outras que desejaram, como por exemplo, costurarem (o que foi presenciado nas visitas).

Além disso, de acordo com a política interna do hospital não se pode frequentar os outros quartos sem autorização, e com isso, cada pai/mãe fica restrito ao quarto de seu filho,

conhecendo somente o caso deste. Ao se constituir em um espaço de socialização e troca de experiências (ponto de encontro), a Brinquedoteca permite que os pais conheçam a fundo outras realidades, que vejam que outras pessoas estão passando pela mesma situação, aumentando assim o sentimento de solidariedade e compaixão.

Por fim, podemos dizer que as três pessoas entrevistadas reconhecem a importância da Brinquedoteca no hospital, ressaltando seus benefícios, principalmente ligados ao esquecimento da doença e efeito terapêutico. Na última questão, duas respostas disseram que o hospital que possui este espaço se destaca daquele que não possui, o que demonstra o quão preocupadas estão com o processo de humanização hospitalar, ou seja, que seja dada a devida atenção a outros aspectos da criança, que não somente a doença.

As respostas obtidas através do questionário realizado com pais/responsáveis das crianças vieram ao encontro da proposta deste trabalho e das leituras realizadas em seu decorrer. Enfatiza assim a importância deste espaço para a recuperação das crianças e alívio de sentimentos negativos (tanto para as crianças, quanto para os próprios pais), reafirmando como um espaço de refúgio, socialização, auxílio ao processo de hospitalização.

As respostas ao questionário respondido pelos quatro profissionais **voluntários** da Brinquedoteca serão apresentadas a seguir, com posterior discussão:

<b>Questões</b>	<b>Voluntário 1</b>	<b>Voluntário 2</b>	<b>Voluntário 3</b>	<b>Voluntário 4</b>
<b>1. Para você, qual é a função/objetivo de uma brinquedoteca hospitalar?</b>	Distrair as crianças, e até mesmo seus pais ou acompanhantes, para amenizar as dificuldades de passar pelo processo de internação.	A brinquedoteca hospitalar tem como objetivo deixar este momento de internação da criança melhor, com brinquedos e brincadeiras que façam elas se sentirem mais alegres.	Função de ajudar, colaborar em uma recuperação rápida para o paciente e um pouco de conforto para pais e familiares.	Distrair os pacientes, assim como os pais.
<b>2. Como pais e demais profissionais reagem diante deste espaço?</b>	Os pais são bem receptivos e incentivam os filhos a frequentar a brinquedoteca, pois assim também podem relaxar um pouco.	Eles gostam, pois as crianças se distraem, melhorando o humor durante a internação.	Reagem de forma pacífica, alguns utilizam o espaço, os brinquedos (pais). Alguns profissionais aceitam brincadeiras, já alguns ficam mais quietinhos. (falo isto pelo fato de eu ser voluntária – palhaça).	Um pouco tímidos no início, mas com o tempo todos ficam a vontade.

<b>3. Você considera possível que a criança aprenda enquanto brinque? Em caso afirmativo, que tipo de aprendizado é este?</b>	Sim, acredito que há aprendizagem. A criança tem contato com outras crianças de diferentes idades, além dos voluntários. Além de aprender com jogos educativos, desenvolvem o convívio social.	Sim, através da brincadeira pode se aprender cooperação, raciocínio lógico.	Eu acredito que a criança aprende brincando sim, e não apenas as crianças, como seus pais também.	Com certeza, a criança aprende a conviver com outras crianças, desenvolve a imaginação e a criatividade.
<b>4. Para você, o brincar auxilia efetivamente no período de internação/tratamento da criança? Em caso positivo, de que maneira?</b>	Sim, as crianças aceitam de uma forma melhor permanecer no hospital, além de ficarem mais ativas e felizes.	Sim, ele ajuda no humor da criança, que não fica entendiada e acaba aceitando melhor os procedimentos médicos.	Com certeza auxilia, enquanto a criança brinca, ficam entretidos, se alimentam melhor, dormem melhor, e como consequência o tratamento avança mais rapidamente.	Penso que sim, acho que a criança se distrai daquele momento ruim que ela esta vivendo, e como consequência trás um sentimento bom o qual reflete na saúde da criança.
<b>5. Qual o diferencial de um hospital que possui brinquedoteca em suas dependências?</b>	Um hospital que possui brinquedoteca facilita o tratamento das crianças, pois aceitam ficar internadas e ajuda os pais a cuidar delas.	A criança terá à sua disposição uma ferramenta que melhora sua recuperação, por tornar sua estadia mais prazerosa.	Creio que o diferencial são os benefícios que trazem ao paciente, como acima mencionado.	Tem a opção de um cuidado diferencial às crianças e também adolescentes e adultos. A brinquedoteca trás um sentimento diferente daquele que todos estão vivendo dentro do hospital.

A primeira questão trata do objetivo atribuído à Brinquedoteca pelos profissionais que atuam diretamente com as crianças em situações lúdicas. Nas respostas podemos destacar dois pontos principais relatados por este: Distração das crianças e também de seus acompanhantes, enfrentamento da hospitalização e auxílio na recuperação.

As respostas foram na mesma direção, sendo que os voluntários 1, 2 e 3 aprofundaram mais sobre o objetivo da Brinquedoteca Hospitalar, com respostas mais consistentes. De forma geral, viu-se que todos os entrevistados reconhecem que este espaço no hospital apresenta objetivos peculiares, auxiliando no período em que a criança se encontra internada, que vai muito além de ocupar o ócio.

Na pergunta 2, todos os voluntários de forma geral disseram que pais e demais profissionais reagem positivamente diante da Brinquedoteca Hospitalar, com algumas observações a mais: O voluntário 1 destacou que estes incentivam as crianças a frequentarem;

o 2 ressaltou novamente os aspectos da distração e melhora do humor (alegria) como sendo um dos fatores que os pais levam em consideração no momento de levarem seus filhos até este espaço; o 3 novamente relembrou que os pais também frequentam este local, participando das atividades ali oferecidas; já o 4 disse que estes ficam um pouco tímidos a princípio, mas que aos poucos vão ficar mais a vontade, isso talvez a medida que vão se familiarizando com o ambiente, com as pessoas que ali participam e com o trabalho realizado.

A questão 3 aborda a aprendizagem, ponto discutido e apresentado neste trabalho, sendo assim é de extrema importância verificar a visão dos profissionais voluntários sobre como esse processo pode ser desenvolvido na Brinquedoteca. Todos afirmaram ser possível que a criança aprenda enquanto brinca, ou seja, o brincar possibilita a aprendizagem do convívio social, cooperação, raciocínio lógico, imaginação e criatividade, aspectos estes já discutidos nos capítulos anteriores deste trabalho.

Quando questionadas sobre que tipo de aprendizado seria este, os voluntários 1, 2 e 4 consideraram a interação social como promotora deste, respondendo assim novamente a proposta central desta pesquisa.

O voluntário 1 destaca que, enquanto brincam, as crianças têm contato com crianças de diversas idades, assim como adultos, o que incentiva o convívio social, proporcionando aprendizagens a estes envolvidos. O 2 diz que as crianças podem aprender a cooperação, também fruto da interação social, além de desenvolver o raciocínio lógico. O 3 traz um fator importante, que não são somente as crianças que aprendem enquanto brincam, mas também seus pais, que frequentam deste espaço.

Por fim o voluntário 4 diz que o brincar possibilita aprender a conviver com outras crianças, ou seja, ensina a viver no coletivo, a respeitar os outros, além disso, possibilita a criatividade e imaginação, aspectos também destacados nas bibliografias lidas. A partir destas respostas, podemos ver que a visão destes voluntários esta de acordo com as teorias aqui apresentadas, pois acreditam sim que este espaço para o brincar pode favorecer o aprendizado (não escolarizado), que acontecerá coletivamente, por meio da interação entre todos. Cabe lembrar que são estes profissionais serão responsáveis por incentivar e facilitar a interação entre as crianças nessas situações lúdicas, favorecendo assim a troca de saberes.

Em relação à questão 4, que visa verificar se estes profissionais consideram se realmente o brincar auxilia no período em que as crianças se encontram internadas, todos disseram que sim. Ainda ressaltaram que pelo brincar estas aceitam de forma mais positiva os procedimentos médicos realizados, e que auxilia na recuperação.

Os voluntários 2, 3 e 4 trazem em suas respostas aspectos já citados em outras questão, que o brincar oportuniza a *distração/entretenimento*, fazendo com que a criança fique mais feliz, se esqueça da doença e assim se recupere melhor.

A última questão, que também foi feita para os pais, se refere ao diferencial que este hospital que possui Brinquedoteca tem ou não, onde todos reconheceram que realmente o hospital que possui se diferencia dos demais. Os voluntários 1 e 2 atribuíram a este diferencial o fato de as crianças se recuperarem melhor quando brincam e ter um espaço para que isto aconteça, sendo assim um facilitador do tratamento e recuperação da criança. O voluntário 4 diz que a Brinquedoteca proporciona um sentimento diferente a todos que a frequentam, e embora ele não cite na questão quais são estes sentimentos, a partir de suas respostas anteriores é possível ver que ele se refere a bons sentimentos, que beneficiam a todos os envolvidos.

A partir destas respostas podemos verificar que estes voluntários acreditam no efeito benéfico que a Brinquedoteca pode proporcionar para as crianças e seus acompanhantes que a frequentam, e destacaram aspectos importantes do brincar como promotor de aprendizagem e efeito terapêutico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O brincar não deve ser visto como uma atividade inútil, improdutiva, e sim constituinte e constitutiva da infância, promotora de desenvolvimento, sendo assim devidamente reconhecido. Antes de tudo, ele é um direito adquirido, e que deve ser desenvolvido e estimulado nos diversos contextos em que as crianças estão presentes: na rua, na escola, em casa, no hospital, etc.

A brincadeira é uma das linguagens na qual a criança se utiliza para se expressar e produzir cultura e conhecimento de forma independente. Muitas vezes pela ânsia de guiá-la, o adulto acaba tirando a oportunidade de vivenciarem esta atividade de forma espontânea e natural, agindo de forma autoritária e dominadora sobre as ações realizadas no brincar.

É direito das crianças escolherem quando, onde, com o que e como querem brincar, devem escolher suas brincadeiras, inventar novas regras se quiserem, porém sempre lembrando que no convívio social outras crianças também possuem este direito, e dessa forma as “negociações” devem ser realizadas com a participação do coletivo.

Deve-se ter claro que o adulto desempenha sim um papel importante neste ato, porém é essencial compreender que a criança sempre será a protagonista. Cabe a ele observá-la, conhecer seus gostos, e assim organizar espaços para facilitar esta atividade do brincar, proporcionando espaços que garantam o desenvolvimento da cultura lúdica, e que primordialmente possibilite a interação entre o grupo. Ele deverá organizar os brinquedos e atividades de modo que dê a oportunidade para que a criança escolha em meio a uma grande diversidade o que mais lhe agrada.

Mesmo no ambiente em que estão inseridas as crianças que foram o foco deste trabalho, o hospital, o direito ao brincar deve ser garantido, sendo destinado tempo para este. No hospital as crianças estão imersas no tempo institucionalizado, ou seja, possuem horário para dormir, para comer, para receber visita, para tomar banho, para a medicação. Neste turbilhão de horários o seu tempo se torna totalmente dirigido e fragmentado, muitas vezes não lhe sobrando tempo de ser criança. Assim, a Brinquedoteca Hospitalar, aparece como possibilidade de garantir este direito, caminhando rumo à humanização hospitalar e pensando na totalidade da criança.

Em geral, na rotina hospitalar tudo já foi preestabelecido e cabe à criança se adequar aos procedimentos que ali serão realizados, pensando nisso, este novo espaço deve oportunizar que a criança possa fazer suas escolhas, se expressando e agindo livremente,

enfim, deve ser um lugar onde ela pode ser ela mesma. É de extrema importância que isto seja compreendido e garantido antes de se pensar nos objetivos mais profundos do brincar no hospital, como aprendizagem e efeito terapêutico.

Em relação à aprendizagem, devemos ressaltar novamente que esta não está restrita a um aprendizado escolar, mas tem como base que os seres humanos aprendem nos diversos contextos, em todas as fases da vida. Por a Brinquedoteca servir como ponto de encontro, favorecendo a interação social, e o brincar se constituir também em uma atividade social, o aprendizado que este espaço oportuniza conseqüentemente estará intimamente ligado ao adquirido coletivamente. Assim sendo, os profissionais que ali atuam deverão estar atentos a este aspecto, incentivando e favorecendo este convívio social e troca.

Ainda em relação à aprendizagem, destaco que as crianças constroem conhecimento e cultura enquanto brincam, assim sendo, deve-se incentivar esta construção entre as próprias crianças, onde o adulto atuará como facilitador e mediador, ao criar espaços para que isto se concretize. Porém, como já citado no capítulo anterior, alguns voluntários não cumprem este papel de mediadores, não incentivando a interação entre as crianças. Esta defasagem não permite que o brincar seja totalmente explorado, necessitando assim que medidas sejam tomadas neste sentido.

Por fim, é necessário ressaltar que com a Lei nº 11.104/2005, proposta pela Deputada Luiza Erundina, que garante a *Obrigatoriedade da Brinquedoteca nos hospitais que ofereçam atendimento pediátrico*, houve um grande avanço em relação a esta área, porém há muito mais para ser feito.

Muitos hospitais ainda não possuem este espaço, mesmo que garantido por lei, pois como nos diz Viegas: “o que temos verificado é que a maioria da direção dos hospitais valoriza os problemas emocionais das crianças e adolescentes internados, mas não a ponto de colocá-los como prioridade em seus orçamentos, geralmente muito estreitos” (2008, p. 167). É necessário que haja maior divulgação desta temática por meio de pesquisas acadêmicas que valorizem o brincar, e o real reconhecimento da importância deste no ambiente hospitalar por profissionais e pela própria direção dos hospitais.

Além disso, é essencial que os brinquedistas, educador lúdico, profissionais que atuam neste espaço, sejam devidamente reconhecidos e valorizados, também no sentido trabalhista. Por se constituir em um direito garantido por Lei, é essencial que haja a contratação de profissionais capacitados para atuar junto às crianças e adolescentes hospitalizados, que reconheçam os benefícios do brincar para este público, explorando-o em suas múltiplas facetas.

Para isso, é essencial uma formação adequada por meio de cursos, treinamentos e constante aperfeiçoamento. Isto vai em direção à humanização hospitalar realizada com excelência por meio do lúdico, que tem como foco o ser humano, priorizando a qualidade de vida de crianças e adolescentes, assim como a de seus acompanhantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMUZ, Regina Celia; BATISTA, Cleide Victor Mussini e ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. Você gosta de brincar? Do quê? Com quem? In: SANTOS, Santa Marli Pires (org). Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE BRINQUEDOTECAS. Disponível em: <http://www.brinquedoteca.org.br>

BARBOSA, L. V. Brinquedoteca: Aprendizagem e motivação através do lúdico. Piracicaba, SP, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso)

BOIKO, V.A.T. e ZAMBERLAN, M.A.T. A Perspectiva Sócio-construtivista na Psicologia e na Educação: o brincar na pré-escola. Maringá: Psicologia em Estudo, vol.6, p. 51-58, 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722001000100007&lng=en&nrm=iso&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000100007&lng=en&nrm=iso&tlng=en)

BRASIL. Convenção Sobre os Direitos da Criança, 1990. Disponível em: <http://www.novodiapipa.org>

BRASIL. Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Brasil, Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente, 1995. Disponível em: <http://www.bioetica.ufrgs.br/conanda.htm>

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm)

BRASIL. Obrigatoriedade de instalação de brinquedotecas nas unidades de saúde que ofereçam atendimento pediátrico em regime de internação, 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 29 de set. de 2011.

BRITTAIN, V. L. W. L. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1977.

BULGACOV, Yara Lucia M.; CAMARGO, Denise e SOUZA, Simone Vieira. Expressão da emoção por meio do desenho de uma criança hospitalizada. *Maringá: Psicologia em Estudo*, v. 8, p. 101-109, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n1/v8n1a13.pdf>

CERDEIRA, L. S. P. *Brincando Criamos o Mundo*, 2010. Disponível em: <http://www.percepto.com.br/espaco4.html>

COLE, Michael (org). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. L. S. Vygotsky, São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *Brinquedoteca: Um mergulho no brincar*. 4. ed. São Paulo: Aquariana, 2011.

CUNHA, Nylse Helena Silva. *O Significado da Brinquedoteca Hospitalar*. In: VIEGAS, Drauzio. *Brinquedoteca Hospitalar: Isto é humanização*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

DECIETE, Nilce. *Práticas educativas não-formais nos grupos do programa psicologia do desenvolvimento*. Campinas, SP, 2010. (Monografia de Aprimoramento/Especialização)

FORTUNA, Tânia Ramos. *Brincar, viver e aprender: educação e ludicidade no hospital*. In: VIEGAS, Drauzio (org). *Brinquedoteca Hospitalar: Isto é humanização*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

GIMENES, Beatriz Piccolo. *O brincar e a saúde mental*. In: VIEGAS, Drauzio (org). *Brinquedoteca Hospitalar: Isto é humanização*. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

LEONTIEV, A. N.; LURIA, A. R.; e VIGOTSKI, L. S.; *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. Tradução de Maria da Penha Villalobos. São Paulo: Ícone, 1988.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. *Brincar: Prazer e Aprendizado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MODA, J.C. Brinquedoteca Hospitalar: As principais contribuições das atividades lúdicas. Campinas, SP, 2006. (Trabalho de Conclusão de Curso)

MORETTI, Nara Martins e SILVA, Nélia Aparecida da. Brincar na educação infantil: transgressões e rebeldias. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart (org). Culturas infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

MOTTA, A.B., ENUMO, S.R.F. O brincar no hospital: Estratégia de enfrentamento da hospitalização infantil, Maringá, v.9, p. 19-28, 2004.

OLIVEIRA, Ana Cristina Olmedo de. O brincar, a criança e o adulto. In: RODRIGUES, Rejane Penna. Brincalhão: uma brinquedoteca itinerante. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Ivone Martins de e GEBARA, Ademir. Interação, afeto e construção de sentidos entre crianças na brinquedoteca. Educ. Pesqui. [online], vol.36, n.1, pp. 373-387, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v36n1/a12v36n1.pdf>

OLIVEIRA, L.D.B, ET Al. A brinquedoteca hospitalar como fator de promoção no desenvolvimento infantil: relato de experiência. Santa Catarina: Revista brasileira crescimento desenvolvimento humano, p. 306-312, ago. 2009. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v19n2/11.pdf>

OLIVEIRA, Vera Barros. O lúdico na realidade hospitalar. In: VIEGAS, Drauzio (org). Brinquedoteca Hospitalar: Isto é humanização. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

ONG Hospitalhaços. Disponível em: <<http://www.hospitalhacos.org.br>>.

PAULA, E.M.A.T, et al. O brincar no hospital: ousadia, cuidados e alegria. In: MATOS, E.L.M. Escolarização Hospitalar: Educação e Saúde de mãos dadas para humanizar (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 135-150.

RATNER, C. A psicologia sócio-histórica de vygotsky: aplicações contemporâneas. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

RIBEIRO, M.J. O atendimento à criança hospitalizada: um estudo sobre serviço recreativo-educacional em enfermagem pediátrica. Campinas, SP, 1993. (Dissertação de Mestrado)

SANTOS, Santa Marli Pires. Brinquedoteca: a criança, o adulto e o lúdico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, Santa Marli Pires. O lúdico em diferentes contextos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. Sociedade Brasileira de Pediatria. Direitos da Criança e do Adolescente Hospitalizados. Disponível em: <<http://www.sbp.com.br>>. Acesso em: 29 de set. de 2011.

SOLOVIJOVAS, A.R. O lúdico no Contexto Hospitalar: A experiência da Brinquedoteca de um Hospital do Interior de São Paulo. Campinas, SP, 2004. (Trabalho de Conclusão de Curso)

SOUZA, Audrey Pietrobelli e ROSSO, Ademir José Mediação e Zona de Desenvolvimento Proximal: entre pensamentos e práticas docentes. Curitiba: X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, p. 5894-5906, 2011. Disponível em: [http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4604\\_3097.pdf](http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4604_3097.pdf)

VECTORE, Célia e KISHIMOTO, Tizuko. Por trás do imaginário infantil: explorando a brinquedoteca. Campinas: Psicologia Escolar e Educacional, v. 5, p. 59-65, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v5n2/v5n2a07.pdf>

VIEGAS, Drauzio. Brinquedoteca Hospitalar: Isto é humanização. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VIGOTSKI, L. S. O desenvolvimento psicológico na infância. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L.S. La Imaginación y el Arte en La Infancia: Ensayo psicológico. Madrid: Akal Básica de Bolsillo, 2003.

## **ANEXOS**

### **ATUAÇÃO DA ONG HOSPITALHAÇOS**

Hospital das Clínicas da Unicamp (Campinas)  
Hospital e Maternidade Celso Pierro (PUC-Campinas)  
Hospital Municipal Dr. Mário Gatti (Campinas)  
Hospital Municipal Ouro Verde (Campinas)  
Centro Infantil Boldrini (Campinas)  
Hospital Estadual de Sumaré  
Hospital Municipal de Paulínia  
Hospital Municipal de Americana  
Hospital Infantil de Americana  
Hospital Municipal de Hortolândia  
Hospital da Restauração (Recife)

### **Brinquedotecas Implantadas e Administradas**

Hospital das Clínicas da Unicamp (Campinas)  
Hospital Estadual de Sumaré  
Hospital da Restauração (Recife)



## NORMAS DE TRABALHO PARA BRINQUEDOTECAS

1. É necessário o uso de camiseta da Associação Hospitalhaços como identificação.
2. O crachá também deve ser portado durante toda a permanência no hospital.
3. Sempre fazer assepsia das mãos – lavar com água e sabão e usar álcool antes e após as atividades na Brinquedoteca.
4. Estar a par que alguns pacientes podem apresentar um quadro delicado e lidar com tais situações com naturalidade.
5. NUNCA questionar sobre a enfermidade do paciente seja com ele, acompanhante ou profissionais da saúde e guardar sigilo das situações e procedimentos observados.
6. NUNCA entrar em áreas da atuação nem facilitar a inserção de pessoas não autorizadas ao ambiente hospitalar.
7. NUNCA trabalhar com quadro viral.
8. NUNCA filmar ou fotografar.
9. O(a) brinquedista deve seguir as orientações da Supervisora que conduzirá as atividades desenvolvidas no espaço lúdico.
10. Os brinquedos e livros serão disponibilizados de acordo com a faixa etária de cada criança.
11. Incentivar os acompanhantes a permanecerem na brinquedoteca interagindo com a criança e manter a organização do local.
12. O(a) brinquedoteca deve ser arrumada no término das atividades de cada período respeitando o próximo brinquedista.
13. Os brinquedos quebrados devem ser guardados para serem substituídos.
14. Os pacientes devem ser avisados do horário de fechamento da brinquedoteca com 10 minutos de antecedência.
15. É necessário percorrer os quartos avisando pacientes e acompanhantes o início das atividades.
16. Também é necessário comunicar o início das atividades no posto de enfermagem.
17. As crianças, acompanhantes e equipe da área de saúde só podem reter qualquer material do espaço lúdico de acordo com o sistema de empréstimo.

18. Os pacientes crônicos devem ser estimulados a frequentar o espaço e os (as) brinquedistas devem buscar opções de entretenimento para os mesmos.
19. Os (as) brinquedistas devem estar disponíveis para auxiliar a Supervisora tanto no início quanto no final das atividades conforme a especificidades do hospital.
20. O voluntário deve comparecer as reuniões sempre que convocado.

**Questionário para familiares e/ou acompanhantes das crianças**

Nome: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Relação com a criança:       pai/mãe  
    avô/ avó  
    outros \_\_\_\_\_

Idade da criança que acompanha: \_\_\_\_\_

Período de internação/tratamento: \_\_\_\_\_

1. A brinquedoteca hospitalar traz benefícios para a criança enquanto esta permanece no hospital e/ou período de tratamento? Se sim, quais?
  
2. Como a criança se comporta diante deste espaço destinado para ela?
  
3. Qual a relação dos funcionários/voluntários da brinquedoteca com a criança?
  
4. Este espaço se torna importante para os adultos que acompanham a criança? De que forma?
  
5. Em sua opinião, qual o diferencial de um hospital que possui brinquedoteca em suas dependências?

**Questionário para os profissionais que atuam na brinquedoteca  
e/ou demais profissionais**

Nome: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_ Função: \_\_\_\_\_

1. Para você, qual é a função/objetivo de uma brinquedoteca hospitalar?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
2. Como pais e demais profissionais reagem diante deste espaço?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
3. Você considera possível que a criança aprenda enquanto brinque? Em caso afirmativo, que tipo de aprendizado é este?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
4. Para você, o brincar auxilia efetivamente no período de internação/tratamento da criança? Em caso positivo, de que maneira?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
5. Qual o diferencial de um hospital que possui brinquedoteca em suas dependências?

**(PARA PROFISSIONAIS E RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS)**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA UNICAMP/FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

O(a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar e contribuir com a pesquisa referente ao **Trabalho de Conclusão de Curso**, do curso de Pedagogia, realizado por Larissa Juliane Arten sob a responsabilidade e orientação da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Luci Banks Leite, e intitulada: **A importância do lúdico no contexto hospitalar**, que tem como **objetivo central** investigar e analisar em que medida e como o brincar ameniza os efeitos da hospitalização e auxilia na aprendizagem de crianças entre quatro a oito anos hospitalizados ou em período de tratamento. Pretende-se verificar em que medida este espaço se torna importante para crianças, familiares e/ou acompanhantes e profissionais, tendo, porém, como foco central a criança, já que este espaço é a ela destinado.

O término da pesquisa no hospital está previsto para agosto de 2012, após este período, os dados obtidos com as visitas serão analisados com base no aprofundamento em leituras referentes ao brincar.

Sua **participação** nesta pesquisa consiste em responder as perguntas a serem realizadas por meio de um **questionário**, de forma **voluntária**, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder a qualquer pergunta ou desistir de participar, retirando seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador.

Suas respostas serão mantidas de **forma anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome, e desta forma sua privacidade será assegurada. Os dados coletados serão utilizados somente neste estudo.

O(a) Sr.(a) não terá **nenhum custo ou qualquer compensações financeiras**. A presente pesquisa não apresenta **nenhum risco previsível**, relacionado à sua participação. Trará como **benefício** aumentar o conhecimento científico para a área da educação, especificamente sobre a importância do brincar no ambiente hospitalar.

O(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato do pesquisador responsável, podendo esclarecer suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento. Sua participação é muito importante para o andamento do estudo. Agradeço a colaboração!

Luci Banks Leite

Pesquisadora Principal (Faculdade de Educação/UNICAMP)

Tel: (19) 3521-5671

e-mail: lbanks@unicamp.br

Para eventuais esclarecimentos, em caso de dúvidas e/ou denúncias referentes aos aspectos éticos da pesquisa, e andamento da pesquisa, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com:

Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP/Faculdade de Ciências Médicas (CEP/FCM/UNICAMP).

Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126, CEP 13083-887 Campinas – SP

Fone (019) 3521-8936 - Fax (019) 3521-7187

E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Campinas, SP, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Declaro estar ciente do teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar da pesquisa proposta, sabendo que dela poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: \_\_\_\_\_  
 (assinatura)

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_  
 (assinatura)

**(PARA RESPONSÁVEIS DAS CRIANÇAS)**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA UNICAMP/FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS**  
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**  
 Resolução nº 196/96 – Conselho Nacional de Saúde

O(a) Sr.(a) responsável e/ou acompanhante está sendo convidado(a) a **autorizar** a participação da criança através da **interação** entre ela e a pesquisadora, na pesquisa referente ao **Trabalho de Conclusão de Curso**, do curso de Pedagogia, realizado por Larissa Juliane Arten sob a responsabilidade e orientação da Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Luci Banks Leite. A pesquisa se intitula: **A importância do lúdico no contexto hospitalar**, e tem como **objetivo central** investigar e analisar em que medida e como o brincar ameniza os efeitos da hospitalização e auxilia na aprendizagem de crianças entre quatro a oito anos, hospitalizados ou em período de tratamento. Pretende-se verificar em que medida este espaço se torna importante para crianças, familiares e/ou acompanhantes e profissionais, tendo, porém, como foco central a criança, já que este espaço é a ela destinado. O término da pesquisa no hospital está previsto para agosto de 2012, após este período, os dados obtidos com as visitas serão analisados com base no aprofundamento em leituras referentes ao brincar. Sua autorização permite as seguintes atividades com a(s) criança(s): **Observações e Interação** com as crianças em situações de brincadeiras na brinquedoteca.

A participação da criança é **voluntária**, isto é, o não querer brincar por parte dela será respeitado, não trazendo **nenhum prejuízo** em sua relação com o pesquisador. A criança terá liberdade para a escolha de como e com o que brincar. Pretende-se não interferir na rotina da criança no hospital, interagindo com ela da forma mais espontânea e natural possível.

A identidade da criança será mantida de forma **anônima e confidencial**, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome, e desta forma a privacidade dela será assegurada. Os dados coletados serão utilizados somente neste estudo.

O(a) Sr.(a) não terá **nenhum custo** ou qualquer compensações financeiras. A presente pesquisa não apresenta nenhum risco previsível, relacionado à participação da criança. Trará como **benefício** aumentar o conhecimento científico para a área da educação, especificamente sobre a importância do brincar no ambiente hospitalar.

O(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste termo onde consta o contato do pesquisador responsável, podendo esclarecer dúvidas sobre o projeto a qualquer momento. Agradeço a colaboração!

Luci Banks Leite  
 Pesquisadora Principal (Faculdade de Educação/UNICAMP)  
 Tel: (19) 3521-5671  
 e-mail: lbanks@unicamp.br

Para eventuais esclarecimentos, em caso de dúvidas e/ou denúncias referentes aos aspectos éticos da pesquisa, e andamento da pesquisa, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com:

Comitê de Ética em Pesquisa da UNICAMP/Faculdade de Ciências Médicas (CEP/FCM/UNICAMP).

Rua: Tessália Vieira de Camargo, 126, CEP 13083-887 Campinas – SP

Fone (019) 3521-8936 - Fax (019) 3521-7187

E-mail: cep@fcm.unicamp.br

Campinas, SP, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2012.

Declaro estar ciente do teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em autorizar a interação da criança na qual sou responsável com a pesquisadora, sabendo que poderei desistir de participar desta pesquisa a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: \_\_\_\_\_  
 (assinatura)

Pesquisador Responsável: \_\_\_\_\_  
 (assinatura)